



Universidades Lusíada

Santos, Susana Marques dos, 1992-

Os estilos parentais e a qualidade de vida da criança

<http://hdl.handle.net/11067/3694>

Metadados

Data de Publicação

2017

Resumo

A investigação que se segue tem como objetivo caracterizar e compreender a relação entre os estilos educativos parentais e a qualidade de vida das crianças e jovens de acordo com o modelo de ecológico de Bronfenbenner (1979). O estudo envolveu uma amostra de 296 pais e respetivos filhos, caracterizados por 205 indivíduos do sexo feminino e 91 indivíduos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 24 e os 58 anos de idade e os seus respetivos filhos com idades compreendidas entre os 6 e o...

The following research aims to characterize and understand the relationship between parental educational styles and children and young people's quality of life, according to the Bronfenbenner ecological model (1979). The study involved a sample of 296 parents and their children, characterized by 205 females and 91 males aged between 24 and 58 years and their respective children aged 6 to 16 years. Thus, the quantitative study involved the application of the parent-style questionnaire called Embu...

Palavras Chave

Pais e filhos, Parentalidade, Responsabilidade dos pais, Qualidade de vida

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-26T04:48:25Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Mestrado em Psicologia Clínica

Os estilos parentais e a qualidade de vida da criança

Realizado por:
Susana Marques dos Santos

Orientado por:
Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos

Constituição do Júri:

Presidente: Prof. Doutor António Martins Fernandes Rebelo
Orientadora: Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos
Arguente: Prof.^a Doutora Túlia Rute Maia Cabrita

Dissertação aprovada em: 7 de Dezembro de 2017

Lisboa

2017



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A D E L I S B O A

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Mestrado em Psicologia Clínica

Os estilos parentais e a qualidade de vida da criança

Susana Marques dos Santos

Lisboa

Outubro 2017



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A D E L I S B O A

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Mestrado em Psicologia Clínica

Os estilos parentais e a qualidade de vida da criança

Susana Marques dos Santos

Lisboa

Outubro 2017

Susana Marques dos Santos

Os estilos parentais e a qualidade de vida da criança

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Lusíada de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos

Lisboa

Outubro 2017

Ficha Técnica

Autora Susana Marques dos Santos
Orientadora Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos
Título Os estilos parentais e a qualidade de vida da criança
Local Lisboa
Ano 2017

Mediateca da Universidade Lusíada de Lisboa - Catalogação na Publicação

SANTOS, Susana Marques dos, 1992-

Os estilos parentais e a qualidade de vida da criança / Susana Marques dos Santos ; orientado por Tânia Gaspar Sintra dos Santos. - Lisboa : [s.n.], 2017. - Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada de Lisboa.

I - SANTOS, Tânia Gaspar Sintra dos, 1977-

LCSH

1. Pais e filhos
2. Parentalidade
3. Responsabilidade dos pais
4. Qualidade de vida
5. Universidade Lusíada de Lisboa. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Teses
6. Teses - Portugal - Lisboa

1. Parent and child

2. Parenthood
3. Parenting
4. Quality of life
5. Universidade Lusíada de Lisboa. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Dissertations
6. Dissertations, Academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. HQ755.85.S26 2017

Agradecimentos

A ti mana, em primeiro lugar, por seres o meu ombro amigo, o meu braço direito, por me ajudares em toda e qualquer circunstância e por nunca me deixares desistir. Porque esta vitória não é só minha, é nossa. Palavras nunca serão suficientes para demonstrar toda a gratidão.

Aos meus pais, porque sem eles não conseguiria, por hoje ser quem sou, por me ensinarem a lutar pelos meus sonhos, por toda a ajuda e apoio prestado.

Aos meus amigos, a minha segunda família, agradeço toda a paciência, todas as palavras de força quando mais precisei, por todas as gargalhadas quando senti menos forças. Motivação ao mais alto nível, como sempre.

Às minhas meninas de sempre e para sempre, as irmãs que nunca tive, Flávia Monteiro, Liliana Martins e Sofia Cardoso. Nunca será possível descrever por palavras a alegria enorme que sinto em vos ter na minha vida.

A todos os colegas de faculdade com quem tive o gosto de partilhar esta caminhada, com especial destaque para as colegas Ana Grazina e Ana Cerqueira. Agradeço todos os momentos de gargalhadas e a enorme entajuda que sempre existiu na nossa turma.

Às minhas colegas de trabalho, Filipa Joaquim e Inês Duarte e a todos os colegas que comigo partilham o seu dia-a-dia. Por todas as vezes que sacrificaram os vossos horários, por todas as conversas e palavras de afeto, por nunca me deixarem desistir. Sem vocês não teria sido possível.

À minha supervisora Vera Catarino, nunca terei palavras para agradecer tudo o que fizeste por mim, pela disponibilidade e por nunca me teres deixado colocar o trabalho á frente dos estudos. O mundo seria um lugar melhor se em todos os empregos houvessem colegas como as minhas.

Aos restantes familiares e amigos, pelo carinho e companheirismo.

A todos os pais e crianças que se disponibilizaram para participar neste estudo.

Á minha orientadora de dissertação Dra. Tânia Gaspar e também á professora Túlia Cabrita. Um enorme obrigada por estes cinco anos de permanente disponibilidade e por todos os valores que me transmitiram enquanto profissionais e seres humanos.

Por último mas não menos importante, a todos os restantes professores que se cruzaram comigo nesta caminhada e que me deixaram um pouco de si.

Obrigada a todos. Por tudo!

Resumo

A investigação que se segue tem como objetivo caracterizar e compreender a relação entre os estilos educativos parentais e a qualidade de vida das crianças e jovens de acordo com o modelo de ecológico de Bronfenbrenner (1979). O estudo envolveu uma amostra de 296 pais e respetivos filhos, caracterizados por 205 indivíduos do sexo feminino e 91 indivíduos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 24 e os 58 anos de idade e os seus respetivos filhos com idades compreendidas entre os 6 e os 16 anos. Deste modo, o estudo de carácter quantitativo envolveu a aplicação do questionário de estilos parentais designada por Embu-P e do questionário Kidscreen-10 para avaliar a qualidade de vida das crianças e jovens.

Assim, os resultados obtidos na investigação revelam que 1) existem relações significativas entre os estilos parentais e a qualidade de vida da criança, 2) os estilos parentais podem ser considerados como elementos preditores de dimensões da qualidade de vida da criança, nomeadamente na dimensão emocional, traduzindo-se assim no estilo parental democrático, 3) fatores demográficos como a idade e o género podem ter igualmente influências nas variáveis em estudo. A investigação revela também que os estilos educativos parentais têm um papel importante na conduta e no desenvolvimento da criança.

Palavras Chave: estilos parentais; qualidade de vida; crianças; parentalidade

Abstract

The following research aims to characterize and understand the relationship between parental educational styles and children and young people's quality of life, according to the Bronfenbrenner ecological model (1979). The study involved a sample of 296 parents and their children, characterized by 205 females and 91 males aged between 24 and 58 years and their respective children aged 6 to 16 years. Thus, the quantitative study involved the application of the parent-style questionnaire called Embu-P and the Kidscreen-10 questionnaire to assess the quality of life of children and young people.

Thus, the research results show that 1) there are significant relationships between parental styles and children's quality of life, 2) parental styles can be considered as predictors of dimensions of the child's quality of life, especially in the emotional dimension, thus translating into the democratic parental style, 3) demographic factors such as age and gender may also have influences on the variables under study. Research also reveals that parental educational styles play an important role in the conduct and development of the child.

Keywords: parenting styles; quality of life; children; parenting

Índice

Introdução	12
Enquadramento teórico	
O modelo ecológico de Bronfenbrenner	13
O conceito de família	16
O conceito de parentalidade	19
Os estilos parentais	21
A qualidade de vida da criança	28
Objetivos	36
Metodologia	
Caracterização da amostra	37
Caraterização dos instrumentos	38
Procedimentos	41
Análise dos dados	42
Apresentação de resultados	44
Discussão	52
Conclusão	56
Referências Bibliográficas	58
Anexos	63

Índice de tabelas

Tabela 1: <i>Modelos e caracterização das várias famílias propostas por Turner & West (1988)</i>	18
Tabela 2: <i>Estatísticas descritivas relativas ao questionário de estilos parentais</i>	38
Tabela 3: <i>Estatísticas descritivas relativas ao questionário Kidscreen-10</i>	38
Tabela 4: <i>Estatísticas de confiabilidade referentes aos questionários aplicados</i>	44
Tabela 5: <i>Análises correlacionais referentes ao questionário de estilos parentais</i>	46
Tabela 6: <i>Análises correlacionais referentes aos questionários aplicados</i>	47
Tabela 7: <i>Anova género pais</i>	48
Tabela 8: <i>Anova idade pais</i>	48
Tabela 9: <i>Anova género filhos</i>	49
Tabela 10: <i>Anova idade filhos</i>	49
Tabela 11: <i>Síntese do modelo de regressão</i>	50
Tabela 12: <i>Análise da variância (Anova) da Regressão</i>	50
Tabela 13: <i>Coeficientes de regressão para o modelo</i>	51

Índice de abreviaturas e siglas

EMBU-P - (Egna Minnen Bertraffande Uppfostran - Parents version)

S.P.S.S. - Statistical Package for the Social Sciences

OMS – Organização Mundial de Saúde

QI – Quociente de inteligência

Et al. - E outros

Mín. – Mínimo

Máx. – Máximo

M – Média

DP – Desvio Padrão

p - Nível de significância estatística

N – Dimensão da amostra

Gl – Graus de liberdade

F - Análise de variância

t - t de Student

Sig. – Significância estatística

Introdução

A presente dissertação enquadra-se no projeto final do mestrado em Psicologia Clínica, da Universidade Lusíada de Lisboa, enquadrada-se nos estilos educativos parentais e qualidade de vida da criança e tem como objetivos a compreensão e caracterização da qualidade de vida da criança, de acordo com o estilo educativo adotado pelos seus respetivos pais. Desta forma, encontra-se estruturada de três formas: o primeiro conteúdo é composto pelo enquadramento conceptual, onde são abordados os conceitos inerentes aos estilos educativos parentais propostos por Baumrind, autora de referência na investigação referente à parentalidade. A parte introdutória da investigação, é também composta pelo enquadramento teórico relativo à área de investigação no âmbito da parentalidade e os modelos teóricos inerentes ao tema.

Num momento posterior é apresentado o estudo empírico e os procedimentos realizados durante a investigação, a fim de compreender e caracterizar o impacto da qualidade de vida da criança, em função do estilo educativo adotado pelo seu pai e/ou mãe. Na metodologia serão igualmente apresentados os instrumentos utilizados, a caracterização da amostra e ainda a recolha e tratamentos dos dados.

Por fim serão apresentadas as considerações finais de toda a investigação realizada, bem como o estabelecimento de pistas para posteriores investigações e o desenvolvimento destas temáticas.

Enquadramento Teórico

*‘Entre todas as transições que acompanham a nossa existência de adultos,
uma delas destaca-se de entre as demais:*

O momento em que nos transformamos em pais ou em mães ‘

(Jesús Palácios, 2005)

O modelo ecológico de Bronfenbrenner

O modelo ecológico criado por Urie Bronfenbrenner (1999) visa a compreensão do desenvolvimento humano como um produto que resulta da interação entre o indivíduo e o meio em que este se insere. O modelo ecológico é adotado no contexto deste trabalho uma vez que este visa compreender este processo como algo contínuo e interdependente. Deste modo, o autor procura inserir o indivíduo nos mais variados contextos de forma a desenvolver-se. São identificados cinco sistemas que promovem este desenvolvimento e designam-se por microssistema, mesossistema, exossistema, macrossistema e cronossistema. Esta abordagem procura explicar de que forma é que o meio pode afetar ou influenciar o desenvolvimento do indivíduo que nele se insere (Delgado, 2009).

Dotados de uma grande complexidade, são também os sistemas de influências propostos pelo autor no Modelo Ecológico do Desenvolvimento. Relativamente ao Microssistema, o primeiro sistema de influência, é importante referir que constitui a componente mais próxima do indivíduo, ou seja, a relação face-a-face. É caracterizado como o ambiente que envolve as relações mais próximas do indivíduo, ou seja, os seus pais ou cuidadores, os seus irmãos e os seus colegas de escola, entre outros. Este ambiente é essencial para o desenvolvimento do indivíduo, pois está relacionado com fatores como a escola e a família, caracterizado por relações significativas onde este recebe os cuidados básicos. Posto

isto, as relações que são estabelecidas nestes mesmos contextos têm uma parte integrante na forma como o indivíduo constrói a sua rede de significados (Poletto & Koller, 2008).

Definido como a relação entre dois ou mais microsistemas, o mesossistema envolve a relação casa-escola e alarga-se à família do indivíduo mais extensa, uma vez que este assume uma diferente postura em cada contexto. O mesossistema é ampliado sempre que o indivíduo passa a interagir num novo ambiente, de uma forma ativa. Desta forma, o indivíduo insere-se em diferentes contextos e tem relações diferentes com cada um deles, assumindo também papéis diferentes. Por exemplo, a interação da criança na escola é o fruto das interações e influências trazidas noutros contextos, tais como a sua casa. Por conseguinte, o mesossistema da criança e do adolescente abrange sobretudo as interações entre a sua família e a comunidade local (por exemplo locais próximos à sua casa, tais como os restaurantes e cafés, os supermercados, parques ou clubes desportivos onde a sua família também se desloca). Como se verifica, os contextos que podem surgir no mesossistema são inúmeros para cada indivíduo (Delgado, 2009).

O terceiro sistema de influência é designado por exossistema e está relacionado com fatores como as relações estabelecidas pelos pais do indivíduo (por exemplo), a direção no seu local de trabalho ou ainda outros ambientes como por exemplo a comunidade onde se insere, o sistema de saúde local, entre outros. São ambientes onde o indivíduo não se encontra presente, contudo estes contextos afetam o seu desenvolvimento. Estes ambientes são dotados de diversas culturas e podem afetar o microsistema do indivíduo (Poletto & Koller, 2008).

O quarto sistema de influência é denominado por macrosistema e envolve outros sistemas de valores e crenças, dotado de diversas culturas e estilos de vida, sendo considerado o sistema mais alargado, abrange os sistemas de valores e crenças que permeiam a existência

das diversas culturas, e que são vivenciados e assimilados no decorrer do processo de desenvolvimento. Neste sistema podem atuar os mais variados fatores como a política, a economia, a educação e a cultura, entre outros (Araújo,2015). Exemplos deste sistema são instituições políticas e sociais, os bairros e toda a dinâmica entre eles (Zillmer, Schwartz, Muniz, & Meincke, 2011).

O cronossistema, definido como o último sistema da influência proposto pelo autor, faz referência a fatores como o tempo, no desenvolvimento do indivíduo. Neste sistema de influência, o fator tempo pode ser definido de três diferentes formas: o microtempo, o mesotempo e o macrotempo.

O microtempo refere-se às transformações observadas num tempo próximo, o mesotempo faz referência a períodos de tempo um pouco mais alargado, por exemplo as semanas e os meses. Por fim o macrotempo faz referência a grandes períodos de tempo que apenas podem ser observados ao nível intergeracional. São normalmente identificados por grandes transformações na sociedade, por exemplo (Araújo, 2015).

O autor (Araújo,2015) faz também referência a quatro componentes que se inter-relacionam em toda a dinâmica, sendo eles a pessoa, o processo, o contexto e o tempo. Estes quatro componentes surgem na medida em que o indivíduo (pessoa) passa por uma determinada experiência (processo) num ambiente (contexto) diferente ao longo do tempo. Cada um destes quatro componentes é dotado de várias características. No componente “pessoa” estão inseridas várias particularidades do indivíduo por exemplo a sua cultura, idade, sexo e religião. Na componente “processo” está envolvida a forma como o indivíduo atribuiu significado às suas experiências, sendo esta considerada a componente mais rica. Na componente “ contexto”, uma componente igualmente rica, estão inseridos os sistemas de

influência que conduzem ao desenvolvimento do indivíduo. Por último, o elemento tempo faz referência à sequência de histórias, acontecimentos, experiências e memórias do indivíduo (Zillmer, Schwartz, Muniz, & Meincke, 2011).

Por esta razão o contexto de cada indivíduo é um sistema vasto, afetado continuamente pelo que ocorre em cada um dos seus lugares, componentes e subsistemas. As mudanças que ocorrem influenciam continuamente todos os restantes processos. As influências que o contexto tem em cada indivíduo são profundamente dinâmicas (Delgado, 2009).

O conceito de família

O conceito de parentalidade está inteiramente relacionado com a família e como tal, tem sido alvo de várias abordagens. A formação da família é transversal a qualquer ser humano, e constitui a base do processo de socialização do indivíduo. Esta constitui a base da experiência social. Define-se como um conjunto de valores e papéis sociais no tempo e na história, como se uma construção se tratasse. É através da família que o indivíduo tem os seus primeiros contatos, estabelece as suas relações, aprende a confiar e desenvolve os seus primeiros laços (Francisco, Carneiro, & Pinto, 2016). Em toda esta pluralidade de ligações o indivíduo envolve-se numa rede rica em funções e papéis, comunicação e histórias de vida, comportamentos e atitudes. O seu principal papel é providenciar proteção à criança, assim como a prestação de cuidados que envolvam as necessidades básicas da criança, nomeadamente as necessidades físicas e as necessidades afetivas. São também responsáveis pela aquisição dos níveis de autonomia da criança, ao criarem diferentes contextos e interações à medida que esta se desenvolve (Barros, 2015)

O conceito de família envolve uma dinâmica onde participam indivíduos, cada um com a sua função e o seu papel traçado. É também definida como um sistema aberto, em

constante mudança. Cada membro desta família partilha a sua própria história, as suas próprias vivências, influência e é também influenciado no decorrer do tempo. Além de representar a confiança, a família representa também aspetos como a partilha, a intimidade e o apoio, traduzindo-se desta forma no desenvolvimento socioemocional, psicológico e intelectual do indivíduo (Delgado, 2009).

Durante vários anos, esta foi a definição de família, definida como família nuclear composta pelo marido, esposa e pelos seus filhos biológicos. No entanto, devido às mais variadas transformações na cultura e também na sexualidade do indivíduo, foram surgindo fatores relacionados com o divórcio e o aumento da esperança média de vida. Todos estes conceitos trouxeram à sociedade novas famílias denominadas por famílias monoparentais, famílias de acolhimento, e também novos casamentos, gerando segundas famílias (Araújo, 2015).

A conceção da família tem origem através da relação conjugal entre o homem e a mulher e é através desta relação que são projetados os restantes conceitos relacionados com a família. Esses conceitos estão relacionados com a maternidade e paternidade, as relações de parentesco e outros aspetos da maior importância como por exemplo as crenças, os valores e a educação (Francisco, Carneiro, & Pinto, 2016).

O contexto de família remete para um sistema composto pelo casal formado por dois indivíduos adultos ou por um adulto e uma criança. Os casais podem ser constituídos através do casamento civil e/ou religioso, os casais em união de fato ou os casais homossexuais. Deste modo, qualquer que seja a família, é sempre dotada de plasticidade e vai sofrendo alterações ao longo dos anos, conforme a sociedade onde se insere. Algumas alterações como as tecnologias, a economia, a educação e até mesmo a política podem implementar mudanças

na estrutura interna da família (Faco & Melchiori, 2009). Esta deve ser vista como um sistema, que interage com outros sistemas, tendo sempre bastante clarificados os seus limites para o seu bom funcionamento. É também dotada de outros subsistemas, nomeadamente os subsistemas conjugal e parental, que sofrem alterações à medida que seus membros vão crescendo. Um exemplo dessa mesma alteração prende-se com a evolução e o crescimento dos filhos: à medida que as crianças vão crescendo, os limites e as regras da família vão-se alternando. As crianças vão participando cada vez mais nas decisões e na conduta familiar à medida que se vão tornando jovens adolescentes, tendo sempre os seus pais como pontos de referência (Gomes, 2003).

Tendo em consideração a complexidade das relações entre os indivíduos, os autores Turner & West (1998), através da sua investigação, alertam para a importância da família no desenvolvimento da criança. Deste modo, definiram seis modelos de família, no âmbito da investigação na psicologia. Segundo Turner & West (1998) os tipos de família mais frequentes designado por:

Tabela 1

Modelos e caracterização das várias famílias propostas por Turner & West (1988)

Modelo de Família	Caracterização
Família extensa	Família composta por pais e filhos que coabitam no mesmo local, podendo estar inseridos outros membros da família;

Modelo de Família	Caracterização
Família multigeracional	Família onde se inserem indivíduos de diferentes gerações;
Família reconstituída	Família composta por dois indivíduos inseridos numa segunda relação ou matrimónio;
Família monoparental	Família composta por um indivíduo na idade adulta e uma criança;
União de Facto	Família composta por um casal que coabita no mesmo local, podendo ter ou não filhos;
Família Homossexual	Família composta por dois indivíduos do mesmo sexo com uma relação, podendo vir a tornar-se pais;

Por todas estas razões, a conduta do indivíduo deve ser analisada, sempre na globalidade, ou seja, tanto na sua conduta individual como na conduta familiar. Isto significa que o desenvolvimento do indivíduo é fruto da sua interação com outros indivíduos e com os sistemas que constantemente se influenciam uns aos outros. Este modelo é caracterizado pela teoria de Bronfenbrenner (1999), modelo de referência para a realização deste trabalho.

O conceito de parentalidade

É também numa perspetiva do desenvolvimento humano, que está inserida a complexidade da parentalidade. É cada vez mais notória a importância da qualidade da parentalidade como um importante preditor do desenvolvimento da criança. Por este motivo, os pais tornam-se figuras de destaque na qualidade de vida da criança. São também os principais responsáveis pela aquisição das normas sociais da criança, uma vez que através desta interação, os pais tendem a reforçar o comportamento da criança, referindo se determinado comportamento é ou não adequado. Importantes aprendizagens como por exemplo o conceito de autoridade e a gestão do conflito são fruto da interação parental (Pasquali, et al., 2012).

A investigação com foco na parentalidade teve o seu início na década de oitenta, graças às primeiras teorias que afirmavam que a parentalidade estaria diretamente relacionada com as capacidades cognitivas e sociais da criança (Barros, 2015). A parentalidade está relacionada com uma nova aquisição de papéis que promovem a educação e proteção da criança que representa a nova geração da família, uma nova história de vida. Representa um dos papéis mais satisfatórios desempenhado pelo adulto e simultaneamente um dos desafios mais exigentes na sua história de vida. Constitui também uma das maiores transformações a nível físico e emocional tanto para o pai como para a mãe. O conceito de parentalidade não está apenas associado aos pais biológicos. Esta, pode ser aplicada também a outros membros da família ou até mesmo aos cuidadores da criança que não façam parte da sua família biológica (Sousa, 2006).

É também através do cuidado parental que os pais conhecem os seus próprios filhos. O controlo e supervisão da criança por parte das figuras paternas envolve afeto, compromisso e responsabilidade. (Pasquali et al., 2012). Todavia, a capacidade para desempenhar essas mesmas tarefas e comportar a exigência do papel parental pode não corresponder às expectativas da criança. Define-se, deste modo, que os pais praticam uma parentalidade eficaz quando reconhecem as necessidades da criança e deste modo a satisfazem de uma forma apropriada (Ferreira et al., 2014).

No entanto, tal como o conceito de família tem vindo a sofrer alterações, o próprio conceito de parentalidade também se altera. Através das variadas transformações que têm ocorrido na sociedade, por exemplo o investimento da mulher numa carreira profissional e o investimento da própria sociedade na saúde e na educação das gerações futuras, tem contribuído para que a disponibilidade dos pais seja cada vez menor, o que se pode traduzir numa menor supervisão parental (Araújo, 2015).

A relação parental começa a partir do momento da concepção do bebé e é definida como a primeira ligação ao novo ser que vai nascer. Esta relação é dotada de uma diversa complexidade e é constituída por várias componentes, de entre as quais se destaca a componente social, tema de destaque na investigação que se segue. É através da componente social que os pais procuram dar resposta às necessidades da criança. É também através desta componente que as crianças recebem o apoio emocional que precisam e recebem o carinho e a empatia dos seus pais (Ferreira, et al., 2014).

Por este motivo, os pais tornam-se os primeiros responsáveis, não só pelo desenvolvimento da criança, mas também pela sua conduta noutros contextos que não a família. Cabe aos pais escolher os restantes contextos em que a criança se vai desenvolver. São eles, que escolhem os locais tais como a escola da criança, o local onde realiza as suas atividades extracurriculares, o local onde vivem, entre outros (Barros, 2015).

Os estilos parentais

A relação que é estabelecida entre os pais e a criança resulta em comportamentos ou normas que podem ser definidas como práticas ou estilos parentais. Os estilos parentais constituem os comportamentos que são dirigidos à criança e são considerados essenciais para o seu desenvolvimento. São definidos como conjuntos de comportamentos do pai e da mãe em toda a interação e são designados de formas diferentes (Pasquali, et al., 2012).

De fato as próprias práticas parentais, são moldadas e influenciadas por componentes relacionadas como eles próprios, com a criança e com o contexto. A sua própria experiência como filhos, afeta a sua experiência como pais (Barros, 2015).

Neste sentido, os estilos parentais educativos, remetem para o conceito de educar. Educar significa, neste contexto, garantir todas as atividades que levem ao desenvolvimento

da criança, tais como as atividades físicas, mentais e éticas, uma função frequentemente atribuída aos pais e cuidadores (Araújo, 2015).

Numa primeira abordagem, proposta por Diana Baumrind (1968) psicóloga clínica, os estilos parentais foram definidos como sendo 3: o estilo autoritário, o estilo democrático e o estilo permissivo. A autora defende que os pais têm um papel ativo na forma como intervêm na educação dos seus filhos. Desta forma, a sua investigação permite indicar em que medida é que os diferentes estilos parentais podem intervir no desenvolvimento da criança. Essas mesmas diferenças podem ser verificadas nas várias áreas como por exemplo a comunicação com as crianças, autonomia e a maturidade (Araújo, 2015).

Apesar de o estilo autoritário ser o mais comum entre os estilos parentais existentes, é importante definir e caracterizar todos os estilos parentais existentes. O estilo parental autoritário é caracterizado pelo estilo onde subsiste o mais grau de controlo dos pais sobre os seus filhos (Rochinha & Sousa, 2012).

Deste modo, os pais com o estilo autoritário são caracterizados por implementarem ordens e normas rígidas, que dão origem a punições severas, caso não sejam cumpridas pelos seus filhos. Estes pais não permitem que essas mesmas ordens sejam discutidas ou modificadas, sendo consideradas imperativas por quem as implementa (Reichert & Wagner, 2007).

São também pais com um elevado nível de exigência e um reduzido nível de afeto por parte dos seus filhos. Prezam sempre pelos máximos níveis de respeito, disciplina e obediência, aplicando (na maioria das situações) castigos físicos quando tal não se verifica. Os seus filhos são, desta forma, crianças que adotam atitudes mais submissas, respeitando as ordens dos seus pais sem recorrer ao diálogo (Pasquali, et al., 2012).

O estilo parental definido como estilo democrático é caracterizado por pais que educam de uma forma racional. Ao contrário do estilo autoritário, estes pais, prezam pelo controlo de igual forma, no entanto estão abertos a sugestões e ainda a troca de opiniões por parte dos seus filhos. São pais que permitem aos seus filhos um nível maior de liberdade e autonomia (Rochinha & Sousa, 2012).

Demonstram, de igual modo, níveis superiores de afeto em relação ao estilo autoritário, pois respeitam as necessidades dos seus filhos, e têm em conta os desejos dos seus filhos de acordo com o seu nível de maturidade e autonomia. Apesar de praticarem uma supervisão firme e responsável, as suas ordens são apropriadas, as suas regras são adequadas ao contexto e apreciam também o diálogo, explicando as razões pelas quais implementam as regras (Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2015).

As regras são também implementadas enquanto família, os pais são percebidos como modelos de referência, que empregam técnicas como o raciocínio, o que permite à criança a ter um papel autónomo na conduta dos seus próprios comportamentos (Reichert & Wagner, 2007).

Os filhos cujo estilo parental é democrático, revelam-se crianças com bom aproveitamento escolar, um ajustamento emocional adequado, menos perturbações do comportamento e também menos comportamentos de delinquência. É considerado o estilo parental mais adequado para o desenvolvimento infantil, permitindo a criança explorar o meio de forma consciente, recebendo elogios e comportamentos de afeto (Pasquali, et al., 2012).

O estilo parental permissivo é considerado o estilo onde menos regras são impostas. Os pais, não praticam qualquer tipo de controlo sobre os seus filhos, evitando modificar os seus comportamentos, sejam eles adequados ou não (Rochinha & Sousa, 2012). Não aplicam

punições ou exercem qualquer tipo de limitações para com os seus filhos e revelam pouca maturidade (Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2015).

Desta forma, os pais com o estilo permissivo procuram satisfazer as necessidades básicas dos seus filhos, no entanto não procuram ser exigentes (Reichert & Wagner, 2007). O seu envolvimento no desenvolvimento da criança é muito baixo ou até mesmo nulo e por vezes tentam manter a criança distante, certificando-se apenas que as suas necessidades básicas estão saciadas (Cecconello, Antoni, & Koller, 2003).

Para este efeito, Baumerind (1979) levou a cabo uma investigação, iniciada no ano de 1959, composta por crianças em idade pré-escolar e os seus pais. O estudo longitudinal teve como objetivo envolver as etapas de desenvolvimento das crianças, nomeadamente as crianças entre os 4 e os 5 anos (pré-escolar), as crianças com 9 anos (período escolar) e as crianças entre os 13 e os 15 anos na etapa da pré-adolescência, assim como os seus respetivos pais (Araújo, 2015).

Desta forma foram assim definidos os quatro estilos parentais: o autoritário, o democrático, o indulgente e o negligente. O estilo negligente e o estilo indulgente, foram considerados dois componentes do estilo parental permissivo, uma vez que ambos são caracterizados por níveis de controlo parental baixos. No entanto podem distinguir-se através da componente afetividade. Enquanto o estilo negligente é caracterizado por níveis de afetividade baixos, o estilo indulgente é caracterizado por altos níveis de afetividade (Cecconello, Antoni, & Koller, 2003).

A parentalidade indulgente é caracterizada por um baixo envolvimento no controlo. Estes pais são mais liberais e regulam muito pouco o comportamento dos seus filhos. A parentalidade negligente é caracterizada por níveis de exigência baixos, e um interesse muito diminuído pelos problemas da criança (Weber, Prad, Viezzer, & Brandenburg, 2004).

Num momento posterior, os autores Maccoby e Martins (1983) associaram ainda duas dimensões da parentalidade que consideraram uma componente importante na prática educativa: a exigência e a responsividade. A exigência é caracterizada por práticas parentais educativas, nomeadamente o controlo das crianças e a imposição de regras enquanto a responsividade é caracterizada por práticas parentais educativas que envolvem o apoio emocional, a compreensão, a sensibilidade e sentimentos de compromisso por parte dos pais (Pasquali, et al., 2012).

Os estilos parentais são ainda hoje alvo de investigação, uma vez que são considerados um elemento importante no desenvolvimento social da criança e conseqüentemente na sua qualidade de vida (Weber, Prad, Viezzer, & Brandenburg, 2004).

Uma das investigações realizadas, largos anos após Baumrind (1968), foi levada a cabo por Gomide (2003), onde define que os estilos parentais propostos anteriormente, são compostos por várias práticas parentais. Estas práticas parentais são definidas como estratégias que os pais utilizam, para educar os filhos nos diferentes contextos. Desta forma, são definidas sete práticas parentais que podem ser agrupadas em práticas parentais positivas e práticas parentais negativas (Araújo, 2015).

A autora (Gomide 2003) define as práticas parentais positivas como a monitorização positiva e a conduta moral enquanto as práticas parentais negativas são compostas pela negligência, o abuso físico e psicológico, o castigo inconsistente e monitorização negativa (Prust & Gomide, 2007).

No entanto, é importante ter em conta que a parentalidade pode ser influenciada negativamente. Isto deve-se ao fato de ser praticada sem lugar à reflexão por parte dos pais, ou seja, por vezes a parentalidade praticada tende a cair na rotina, tornando-se praticamente automatizada (Barros, 2015).

A investigação referente á dinâmica entre pais e filhos mostra também que é cada vez mais notório o interesse dos pais, em perceber e aprender mais sobre a parentalidade adequada. Os pais têm vindo a mostrar interesse sobretudo em aprender mais sobre temáticas relacionadas com a educação da criança e os seus níveis de aprendizagem, assim como alguns aspetos do quotidiano, tais como a sua higiene pessoal. Apesar de recorrerem cada vez mais a programas parentais, estas mesmas investigações revelam que a adesão ainda não é suficiente (Goes & Barros, 2015).

A qualidade da parentalidade pode ser afetada de diversas formas, uma vez que se trata uma dinâmica que sofre constantes mudanças, destacando-se a componente social como uma das componentes que está sujeita a maiores transformações. Sendo a componente social um importante preditor da interação entre os pais e a criança, é importante salientar os diferentes fatores que podem, de alguma forma, afetá-la. Fatores como por exemplo o nível socioeconómico, a cultura, a idade e o sexo, dinâmica familiar e até mesmo o nível de escolaridade dos intervenientes, podem afetar a qualidade da parentalidade (Portugal & Alberto, 2013).

Relativamente ao fator socio-económico, verifica-se que os pais com menos rendimentos económicos tendem a aplicar castigos físicos com maior frequência, dado que a própria comunicação é afetada pelo contexto social em que ambos estão inseridos. Verifica-se também que as famílias com estatutos económicos inferiores mantêm uma comunicação pobre com os seus progenitores, uma vez que é necessário, por vezes a mãe ou pai terem dois empregos para suportar os encargos familiares. A monoparentalidade é também um fator comum nas famílias mais carenciadas assim como o divórcio e a parentalidade na adolescência. Devido ao contexto social onde se encontram inseridos e também pelos seus escassos rendimentos, ocorre frequentemente o abandono escolar por parte dos pais, o que

consequentemente se traduz em pais com menos qualificações e menos acesso à informação (Magnuson & Duncan, 2006).

Referente a aspetos relacionados com a cultura, a parentalidade pode ser afetada não só pelo contexto social em que a família está inserida, mas também, as suas atitudes e crenças. Isto quer dizer que os comportamentos e a própria comunicação entre os pais e a criança podem sofrer alterações em função do contexto. A investigação levada a cabo por vários autores revela que em contextos rurais, os pais abordam com pouca frequência temas ainda considerados tabus. Exemplos desses temas são a sexualidade e o consumo de substâncias. Desta forma, os pais tendem a ficar reticentes quanto à partilha de informação. A escassa informação por parte dos pais deve-se sobretudo à falta de conhecimento e às barreiras culturais (Jiménez & Delgado, 2002).

Fatores relacionados com a idade e o sexo do progenitor podem alterar a dinâmica familiar e por vezes afetar a qualidade da parentalidade. Isto acontece porque a rede familiar é bastante dinâmica e sofre alterações de acordo com as alterações individuais de cada membro. Um exemplo de uma forte alteração na dinâmica familiar é a chegada da puberdade nos jovens. Com a chegada da adolescência, o jovem tende a partilhar menos informação com os seus pais, ou a partilhar mais informação com apenas um dos progenitores. Nesta fase do desenvolvimento humano, os jovens preferem partilhar informação com os seus colegas de escola ou até familiares mais distantes. A informação que é partilhada com os pais, é referente apenas a aspetos do dia-a-dia e assuntos que exijam pouca reflexão (Jiménez & Delgado, 2002).

Verifica-se também que as jovens adolescentes mantêm um nível de comunicação mais alto que os jovens do sexo oposto. Isto acontece porque tanto o pai quanto a mãe, mantêm um nível mais alto de comunicação com a filha. Nesta fase, as jovens são mais

expressivas, apreciam uma comunicação clara com os seus pais, abordam temáticas relacionadas com frustrações, medos e sentimentos enquanto os jovens do sexo masculino são mais reservados na comunicação (Portugal & Alberto, 2013).

É também na fase da adolescência que ocorrem as situações de maior conflito entre os jovens e os seus pais, o que influencia a qualidade da parentalidade (Jiménez & Delgado, 2002).

Apesar de a qualidade da parentalidade ser influenciada em grande parte por fatores relacionados a comunicação, outros fatores sociais podem estar associados. Um dos fatores que afeta a qualidade da parentalidade está inteiramente relacionado com as novas tecnologias e com as transformações diárias da sociedade. Com o avanço das novas tecnologias, verifica-se que a convivência entre filhos e pais é cada vez menor. Desta forma, o controlo parental e a comunicação tornam-se cada vez mais fracas, o que influencia em grande parte a qualidade da parentalidade (Portugal & Alberto, 2013).

A qualidade de vida da criança

Um exemplo das consequências da parentalidade são os estilos parentais associados á qualidade de vida da criança. Os estilos parentais considerados negativos, tais como o estilo autoritário, traduzem-se em crianças com dificuldades em estabelecer relações empáticas e em regular as suas próprias emoções. A investigação aponta também para uma forte prevalência de crianças com perturbações de ansiedade associadas a estilos parentais negativos (Pereira, 2015).

O interesse pela investigação referente á qualidade de vida do indivíduo é cada vez maior. Tal acontece devido ao crescente interesse pela qualidade de vida do indivíduo nos seus primeiros anos de vida e pela crescente preocupação com o futuro das novas gerações (Goes & Barros, 2015). São cada vez mais, as questões colocadas acerca da qualidade de vida,

graças aos avanços da tecnologia e também ao desenvolvimento da biologia em prol da saúde. Desta forma, diversas investigações são levadas a cabo para definir o que realmente é ter qualidade de vida. Atualmente a qualidade de vida não está apenas relacionada a saúde e com o bem-estar do indivíduo. Fatores como a economia, o progresso pessoal, o emprego, a cultura e o próprio desenvolvimento do indivíduo estão cada vez mais inseridos na definição da qualidade de vida (Pereira, Teixeira & Santos, 2012).

Atualmente, a Organização Mundial de Saúde (OMS) define a qualidade de vida como ‘‘ a percepção do indivíduo da sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações ‘’ e refere também os domínios que nela estão inseridos. Os domínios estão relacionados com as capacidades físicas, capacidades psicológicas, capacidades de dependência e capacidades sociais (OMS, 2017).

A capacidade física está relacionada com a percepção que o indivíduo tem acerca da sua condição física, a capacidade psicológica envolve a sua condição afetiva e cognitiva, a capacidade social revela aspetos associados ao papel social do indivíduo e por fim a percepção do ambiente do indivíduo está relacionado com o seu envolvimento nos contextos onde se insere diariamente (Seidl & Zannon, 2004).

Neste sentido, a OMS procurou introduzir modelos teóricos, recorrendo a várias estratégias, nomeadamente a clarificação do conceito tendo em conta fatores culturais, o estudo qualitativo de forma a clarificar as dimensões associadas ao conceito e o estudo das componentes psicométricas para a aplicação de testes. Nos anos 90, a investigação relacionada com a qualidade de vida, permitiu também definir dois conceitos base da qualidade de vida, nomeadamente o conceito de subjetividade e o conceito de multidimensionalidade. O próprio conceito da qualidade de vida surge também com duas

vertentes, a qualidade de vida como um termo genérico e qualidade de vida relacionada com a saúde (Gaspar, Matos, Ribeiro, & Gonçalves, 2005).

O interesse pela mensuração da qualidade de vida tem sido cada vez mais objeto de investigação devido ao avanço de áreas como a medicina e a enfermagem. Estas áreas, que procuram promover o bem-estar no indivíduo, procuram analisar e compreender a qualidade de vida do indivíduo com patologia, bem como compreender o impacto dos diversos tratamentos, na sua saúde em geral e na sua qualidade de vida. Posteriormente, áreas como a psicologia, a sociologia, a pedagogia e até mesmo a economia procuram mensurar também a qualidade de vida da criança e do adolescente em indivíduos saudáveis. Uma das dificuldades que surge no âmbito da investigação da qualidade de vida nesta população incide na própria sua perceção de qualidade de vida que sofre alterações com o decorrer do tempo: nesta fase de vida, as crianças e os adolescentes passam por várias transformações tanto físicas como cognitivas e como tal a sua perceção relativamente a aspetos da sua vida altera-se. É sabido que a perceção de qualidade de vida de uma criança é diferente da perceção de um adulto. Uma criança que é confrontada com a sua qualidade de vida muitas vezes refere aspetos relacionados com aparência física, o seu número de amigos e por vezes capacidades relacionadas com o exercício físico enquanto os adultos descrevem a qualidade de vida como um fator relacionado com a independência financeira (Eliser, 1997).

Todos estes aspetos têm de ser considerados, uma vez que é a criança que faz a avaliação do seu próprio estado de saúde. No entanto, uma das maiores dificuldades que se apresenta no decorrer desta investigação prende-se com a própria definição do termo qualidade de vida. Apesar de serem apresentados os vários aspetos que influenciam a qualidade de vida, afirma-se que está dependente do contexto em que o indivíduo está inserido e que é inteiramente individual (Jenney & Campbell, 1997).

Por outro lado, a qualidade de vida das crianças e jovens está associada á sensação de bem-estar, à satisfação das suas necessidades básicas, e aos seus desejos e motivação pessoal, fatores onde a parentalidade adequada pode intervir (Assumpção, Kuczynsk, Aranha, & Sprovieri, 2000).

Apesar de a qualidade de vida ser um tema que sempre foi objeto de investigação, o tema esteve durante vários anos associado a populações como a terceira idade e populações patológicas. Isto quer dizer que, sempre que a investigação estava aplicada à qualidade de vida da criança ou adolescente, estas investigações eram sempre dirigidas a população clínica. As primeiras investigações relacionadas com a qualidade de vida da criança e do adolescente, foram aplicadas a populações que sofriam de doenças crónicas como por exemplo a asma, diabetes, cancro e perturbações mentais, especialmente dirigidas a áreas como a medicina e a enfermagem (Soares, et al., 2011).

As primeiras investigações relacionadas com a qualidade de vida de crianças e adolescentes, definiram que a qualidade de vida das crianças era composta por fatores que não estão associados à qualidade de vida dos adultos, nomeadamente em aspetos como a componente escolar, a ausência de maus tratos e a componente familiar. Para uma melhor compreensão do conceito da qualidade de vida em crianças e adolescentes, seria também necessário ter em conta a importância da experiência subjetiva, ou seja, a própria criança teria de relatar sobre o que sente, denominando-se desta forma por saúde percebida. A saúde percebida, é composta pelas experiências subjetivas da criança e envolve componentes físicos, sociais, emocionais e comportamentais (Gaspar, Ribeiro, Leal, & Matos, 2006).

O conceito de saúde e o conceito de doença estão inseridos numa dimensão que é composta por aspetos sociais, culturais e económicos, como se de um processo se tratasse e surge como um fator importante no quotidiano do indivíduo. Está incluída na qualidade de

vida de uma forma geral e abrange toda a população, todas as culturas e todos os níveis económicos, em qualquer parte do mundo (Gaspar, Gaspar de Matos, Ribeiro, & Gonçalves, 2005).

Acontecimentos que surgem ao longo do percurso de vida o indivíduo como internamentos hospitalares, tratamentos dolorosos e incertezas acerca do seu futuro podem traduzir-se de forma intensa na perceção da qualidade de vida não só da criança, mas também dos restantes familiares. Por exemplo o parto premature e o baixo peso á nascença, são fatores que podem comprometer a qualidade de vida da criança e da sua família, não só no momento em que ocorre, mas também, anos após o acontecimento. Existem também acontecimentos tais como a revelação de um diagnóstico que podem diminuir a perceção de qualidade de vida do indivíduo, no entanto não comprometem a sua qualidade de vida se forem controlados diversos fatores como surge no caso da criança com diabetes por exemplo (Eliser, 1997).

O objetivo da intensa investigação referente á qualidade de vida da criança e do adolescente surge como uma forma de compreender as áreas que mais afetam a sua qualidade de vida e o tratamento adequado a cada situação. Fatores como aplicação de exames neuropsicológicos, o acompanhamento psicológico e o acompanhamento físico, surgem no âmbito destas investigações (Jenney & Campbell, 1997).

Deste modo tornou-se cada vez mais importante avaliar a qualidade de vida de crianças sem patologia associada, ou seja, aparentemente saudáveis. A investigação levada a cabo por (Soares, et al., 2011), revelou que apesar das mais variadas áreas como a psicologia, a sociologia, a educação e a medicina, demonstrarem o seu crescente interesse pela qualidade de vida criança, a pesquisa ainda não se revela notória. De acordo com a investigação mencionada, entre 1990 e 2008, os artigos científicos publicados com o objetivo de analisar a qualidade de vida de crianças e descrever os seus componentes, foram utilizados para

construção e adaptação dos instrumentos existentes. Os artigos cujo objetivo consistia na avaliação da qualidade de vida isoladamente constituíam uma pequena dimensão desta temática. No entanto a investigação relacionada com a qualidade de vida em crianças e jovens permitiu determinar que os que estão relacionados com a promoção da qualidade de vida envolvem vários aspetos: a escola, os amigos, a família, a auto-estima, a idade e o género, o auto conceito, o locus de controlo, a resiliência, as capacidades emocionais, o otimismo, o Q.I., as capacidades sociais a saúde mental e por as expetativas futuras, fazendo um total de 17 fatores (Gaspar, Ribeiro, Leal, & Matos, 2006).

Para a realização desta investigação destacam-se os fatores sociais, a família e o campo da saúde mental.

No que concerne á investigação realizada acerca da qualidade de vida da criança, são encontradas diferenças relativamente a fatores demográficos como a idade e o género da criança. Desta forma, verifica-se que as meninas apresentam uma menor perceção da qualidade de vida que os meninos em todas as dimensões da qualidade de vida, exceto nas dimensões referentes aos amigos e relações sociais, questões económicas e aspetos relacionados com a escola e a aprendizagem. Verificam-se também que, nas dimensões relacionadas com o tempo livre, a autonomia e a atividade física, os valores que se apresentam são díspares, permanecendo os meninos com os valores mais altos. Relativamente às diferenças de idade, são também apontadas algumas disparidades. As crianças mais velhas, nomeadamente os pré-adolescentes, apresentam uma menor perceção da sua qualidade de vida, comparativamente às crianças mais novas. Relativamente á dimensão relacionada com questões económicas não foram encontradas diferenças significativas na questão idade. Por outro lado, a dimensão relacionada com comportamentos agressivos (bullying) apresenta resultados mais elevados nas crianças com mais idade. É também importante salientar que as

dimensões relacionadas com sentimentos, emoções, autonomia, família, aprendizagem e tempo livre apresentam diferenças significativas, registando os valores mais elevados nas crianças mais novas (Gaspar, Matos, Batista-Foguet, Ribeiro, & Leal, 2010).

A promoção da saúde mental nos jovens é também um tema que tem cada vez mais destaque nas mais variadas áreas, nomeadamente no âmbito da psicologia da saúde e nos modelos teóricos existentes. Os modelos teóricos de referência que atuam no âmbito da promoção da qualidade de vida de crianças e adolescentes são o modelo cognitivo e o modelo de aprendizagem. Estes modelos baseiam-se método da tomada de decisão, onde os jovens atuam em programas que dão a conhecer todos os comportamentos considerados de risco para a sua saúde e para a sua qualidade de vida. Através de estratégias cognitivas, os jovens têm a oportunidade de escolher o comportamento adequado (Gaspar et al. 2008).

Ainda assim, a investigação da qualidade de vida em crianças torna-se difícil de executar uma vez que as crianças por vezes têm dificuldade em interpretar as perguntas que lhes são colocadas não só devido á sua doença e também á sua idade, mas também a dificuldades cognitivas ou de aprendizagem. Por outro lado, as crianças mais velhas ou até mesmo os adolescentes, devido á sua maturação cognitiva, são capazes de destrinçar com clareza os conceitos de doença, saúde e qualidade de vida, tendo também uma perceção mais clara dos seus estados emocionais e das suas capacidades sociais. Desta forma, conclui-se que o desenvolvimento cognitivo e conseqüentemente a sua idade atuam como um importante fator na perceção da sua saúde e da sua qualidade de vida (Jenney & Campbell, 1997).

Um outro tema da maior importância relacionado com a qualidade de vida das crianças e adolescentes está relacionado com a perceção dos seus pais acerca das investigações que são levadas a cabo. Clínicos e pais diferem quanto á sua perceção no que concerne ao impacto que os tratamentos aplicados em contexto hospitalar podem ter na

qualidade de vida da criança. As crianças têm também diferentes percepções dos seus pais em diferentes aspetos relacionados com a causa da doença, os efeitos que pode ter a medicação aplicada e o próprio conceito de saúde. A investigação afirma que os pais revelam maiores capacidades de percepção da qualidade de vida dos filhos nas dimensões escola e aprendizagem. Relativamente às dimensões saúde, atividade física, tempo livre e autonomia, os pais apresentam valores superiores nos filhos, enquanto nas filhas os valores mais elevados estão relacionados com as questões económicas e agressividade (bullying). Relativamente à idade dos filhos, os pais tendem a perceber uma melhor qualidade de vida nos filhos à medida que estes vão crescendo. Os valores mais elevados da percepção da qualidade de vida da criança por parte dos pais são apresentados na investigação aplicada aos filhos mais velhos (Gaspar, Matos, Batista-Foguet, Ribeiro, & Leal, 2010).

Em suma, verifica-se que a investigação na área da parentalidade tem o seu foco sobretudo no bem-estar e na qualidade de vida da criança, uma vez que a rede de relações entre pais e filhos é dotada de complexidade. Tal acontece dada a importância da família como um sistema social que procura recursos a fim de obter a proteção e o equilíbrio adequado.

Objetivos

Pretende-se com esta investigação, realizar um estudo exploratório entre pais e filhos de forma a caracterizar e compreender o impacto que o estilo parental pode ter na qualidade de vida dos seus respetivos filhos.

Num primeiro momento será aplicado um questionário ao pai e/ou à mãe, de forma a caracterizar o estilo educativo, segundo a perceção de cada um. As questões administradas aos pais serão única e exclusivamente relacionadas com a sua perceção no modo como educam os seus filhos, após as questões demográficas. Após a análise quantitativa de cada um dos questionários, cada pai e/ou mãe será caracterizado pelo seu estilo educativo, segundo o modelo de estilos parentais educativos de Baumerind.

Num segundo momento será aplicado um questionário ao seus respetivos filhos, relacionado com a sua qualidade de vida, abordando aspetos como a família, os amigos, a escola e sobre si próprio.

Após a análise dos questionários das crianças/adolescentes, o objetivo específico desta investigação será o emparelhamento da informação obtida a fim de compreender a forma como cada estilo parental pode influenciar a qualidade de vida da criança.

Deste modo os objetivos específicos da investigação prendem-se com a caracterização das possíveis diferenças nos estilos parentais em fatores como a idade e o género dos cuidadores e também em explorar a forma como a idade e o género das crianças e jovens, pode influenciar a sua perceção acerca da qualidade de vida.

Metodologia

Caracterização da amostra

No presente estudo, foi utilizada uma amostra constituída por 296 pais e filhos. Deste modo, as famílias são constituídas por 296 pais e 296 crianças. Relativamente aos 296 pais, 205 são indivíduos do sexo feminino enquanto 91 são do sexo masculino, sendo esta amostra maioritariamente composta por mães (cerca de 70%), com idades compreendidas entre os 24 e os 58 anos.

No que concerne às crianças inquiridas, 158 são raparigas e 138 são rapazes, o que se traduz numa amostra homogénea da população infantil/juvenil, com idades compreendidas entre os 6 e os 16 anos.

Verifica-se através da observação da tabela 2 as estatísticas descritivas referentes ao questionário de estilos parentais um total de 243 respostas válidas. Todas as dimensões de respostas apresentam valores diferentes onde se verifica a maior variedade de respostas na dimensão suporte emocional da escola onde se registam respostas referentes á escala de Likert, nomeadamente entre 1 e 4 pontos, com uma média de respostas de 3,27.

Relativamente á dimensão rejeição da escala verificam-se respostas entre o primeiro e o segundo ponto da escala de Likert, verificando-se assim a dimensão que constitui respostas mais homogéneas, como uma média de 1.58 valores. Em relação á dimensão tentativa de controlo observam-se respostas entre o ponto 1 e o ponto 3 da referida escala de Likert, com uma média de respostas de 2.58 valores nas respostas validadas.

Tabela 2

Estatísticas descritivas relativas ao questionário de estilos parentais

Dimensões	N	Min.	Máx.	Média	DP
EmbuSuporteEmocional	276	1	4	3,27	0,41
EmbuRejeição	269	1	2	1,59	0,25
EmbuTentativa Controlo	271	1	3	2,58	0,37
N Válido	24				

Em relação á dimensão do questionário Kidscreen (**Tabela 3**) verifica-se um número total de 286 respostas válidas. Verifica-se também que todos os itens de repostas foram utilizados registando-se deste modo respostas entre o ponto 1 e o ponto 5, com uma média de respostas de 4.07 valores.

Tabela 3

Estatísticas descritivas relativas ao questionário Kidscreen-10

Dimensão	N	Min.	Máx.	Média	DP
Kidscreen	288	1	5	4,07	2,55
N válido	296				

Caracterização dos instrumentos

Para a realização da investigação que se segue, serão aplicados dois questionários para a população alvo, um dirigido aos pais e outros dirigidos aos filhos. A fim de caracterizar os estilos parentais existentes, os questionários dirigidos aos pais, devem aplicar-se a apenas á população que tenha filhos entre os 6 e os 16 de idade. A versão portuguesa do instrumento designa-se por “EMBU - Questionário de Avaliação da Perceção das Práticas Parentais”, sendo que a versão original é designada por “EMBU-P (Egna Minnen Bertraffande Uppfostran - Parents version) “(Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007). A avaliação dos estilos parentais educativos na perspetiva dos pais: A versão portuguesa do EMBU-P. *Psicologia: Teoria Investigação e Prática*, 2, 271-286) (**Anexo 1**).

O objetivo deste questionário é compreender e caracterizar os estilos parentais de acordo com a percepção dos progenitores ao longo de 42 itens, onde é pedido à mãe/pai para que selecione a resposta que melhor se adequa aos comportamentos que tem para com o seu filho. Todos os itens estão ordenados segundo a escala de Likert onde o item de resposta 1 corresponde a ‘nunca’ e o item de resposta 4 corresponde a sempre. Os itens que compõem este questionário permitem analisar três fatores, tais como o suporte emocional, a rejeição e tentativa de controlo. O suporte emocional compõe 14 itens cujo objetivo é averiguar a expressão verbal e física da afetividade parental ou seja, aspetos como a aceitação e a disponibilidade. Exemplo desses itens são ‘acha que é demasiado severo(a) com o seu filho?’ e ‘castiga o seu filho mesmo no caso de pequenas faltas?’. A rejeição, composta por 17 itens expressa comportamentos relacionados com agressividade, a não-aceitação da criança e fatores como a agressão verbal e física. Exemplo desses itens são ‘quer estar ao lado do seu filho?’ e ‘elogia o comportamento do seu filho?’.

Por fim, a tentativa de controlo, é composta por 11 itens cujo objetivo é analisar a conduta dos pais que controlam o comportamentos dos filhos, através de comportamentos de preocupação e/ou exigência. Exemplos desses itens são ‘acha que há carinho entre si e o seu filho?’ e ‘é brusco e pouco amável com o seu filho?’.

Este instrumento permite analisar os comportamentos adotados pelos pais, a fim de modificar o comportamento dos seus filhos. Estes comportamentos podem ter por base o castigo físico, a rejeição e/ou depreciação, tendo em conta a percepção dos próprios pais e nunca da criança. Trata-se de um questionário de auto preenchimento e o seu tempo de aplicação é de 30 a 40 minutos.

Relativamente ao questionário a ser aplicado na população infantil e juvenil, é designado por Kidscreen-10 (Gaspar & Matos, 2008; Matos, et al, 2006; Ravens-Sieberer et al

& European KIDSCREEN Group, 2001; The KIDSCREEN Group Europe, 2006) e trata-se de um instrumento com o objetivo de medir e avaliar determinados aspetos da qualidade de vida da criança. Este instrumento trata-se de uma versão reduzida do kidscreen-52 (**Anexo 2**), do qual foram retirados 10 itens e as suas primeiras aplicações em Portugal realizaram-se no ano de 2006 e posteriormente em 2010.

Este questionário pode ser aplicado nas mais diversas instituições, tais como escolas e hospitais, e também em contexto privado, nas mais variadas áreas como a psicologia, a medicina e a enfermagem, entre outras. É também um instrumento utilizado para fins de investigação. O seu tempo de aplicação é de 10 a 15 minutos, tratando-se de um questionário de auto-preenchimento.

O instrumento Kidscreen-10 é composto por 10 questões sobre a perceção da qualidade da vida relacionada com a saúde. A versão do Kidscreen-10 aplicada na presente dissertação foi elaborada a partir da verificação da numeração das questões presentes no Kidscreen-52.

Numa primeira parte, são apresentadas as questões demográficas nomeadamente a idade e o sexo da criança que preencher o questionário. São também identificadas neste momento as populações que possuem alguma necessidade educativa especial ou uma condição que dificulte o dia-a-dia da criança/adolescente. Permite também uma melhor compreensão da saúde percebida da criança através da exploração das dimensões que abordam temas como a Saúde e Atividade Física, composta por 5 itens, Bem-estar psicológico composta por 6 itens, Estado de Humor Geral, composta por 7 itens, Auto-percepção, composta por 5 itens, Tempo Livre, composta por 5 itens, Família e Ambiente Familiar, composta por 5 itens, Questões Económicas, composta por 3 itens, Amigos, composta por 6

itens, Ambiente, comporta por 6 itens, e por fim a dimensão Provocação, composta por 3 itens.

Exemplos dos itens que compõem este instrumento são para a dimensão 1 “ Foste capaz de correr bem? “, (2) “ Sentiste-te satisfeito(a) com a tua vida? “, (3) “ Sentiste-te debaixo de pressão (stressado(a))? “, (4) “ Gostarias de mudar alguma coisa no teu corpo? “, (5) “ Tiveste tempo suficiente para te encontrares com os teus amigos (as)? “, (6) “ Os teus pais trataram-te com justiça? “, (7) “ Tiveste dinheiro suficiente para fazer atividades com os teus amigos (as)? “, (8) “ Sentiste que podes confiar nos (as) teus/tuas amigos (as)? “, (9) “ Tiveste uma boa relação com os teus professores? “ e por fim a décima dimensão “ Outros rapazes ou raparigas provocaram-te? “. Todas as questões são respondidas com base no que ocorreu ‘ na última semana’ no quotidiano da criança/adolescente.

Procedimentos

O número de indivíduos integrantes da amostra foram selecionados através de instituições como escolas primárias e secundárias, centros de estudo e centro de atividades, entre outros. Deste modo, os indivíduos foram selecionados segundo o critério de inclusão, nomeadamente as crianças entre os 6 e os 16 anos de idade e os seus respetivos pais (pai, mãe ou ambos) teriam de preencher o respetivo questionário.

Na implementação do presente estudo, foram estabelecidos e cumpridos todos os princípios éticos inerentes à investigação, nomeadamente o pedido de autorização facultado aos respetivos responsáveis pelas instituições (**Anexo 3**) e o pedido de autorização facultados aos pais de cada criança selecionada para participar na investigação, a fim de autorizar o menor a preencher o questionário.

Num primeiro momento foram distribuídos os respetivos documentos relativos aos consentimentos informados. Posteriormente foram aplicados os respetivos questionários de

aplicação única, nomeadamente o questionário Kidscreen-10 para as crianças e jovens e o questionário de Estilos Parentais (EMBU-P). O preenchimento dos respetivos questionários ocorreu em contexto de sala de aula, sendo antecedido por um conjunto de instruções, onde eram explicadas de uma forma sucinta, o objetivo da investigação. A análise factorial do questionário aplicado á população parental foi forçada a 3 factores, pelo que foi respeitada a estrutura da escala original. Uma vez que o questionário kidscreen-10 comporta apenas uma dimensão, não é passível de ser realizada a análise factorial.

Os participantes foram igualmente assegurados da total confidencialidade e anonimato das suas respostas, além do seu carácter voluntário da sua participação na investigação. Cada questionário foi assinalado, com a respetiva confidencialidade, de forma a emparelhar o questionário do pai/mãe com o seu respetivo filho (Exemplo 39M/39P para identificar a mãe/pai e 39F1/39F2 para identificar o primeiro e/ou o segundo filho).

Os critérios de exclusão dos questionários inseridos na investigação consistiram no preenchimento incorreto do questionário, no não preenchimento do consentimento informado, o não preenchimento do questionário por parte de qualquer um dos intervenientes no estudo (os pais ou a criança) e por fim foram excluídos os participantes cuja idade do filho não está compreendida entre os 6 e os 16 anos de idade.

Análise dos dados

A análise dos dados recolhidos foi realizada através do software SPSS (Statistical Package for Social Sciences) versão 18.0 para Windows. Deste modo, foram implementadas medidas descritivas para análise das características demográficas dos participantes. Em relação ao primeiro objetivo estabelecido “ se existe uma relação entre os diferentes estilos educativos parentais (o apoio emocional, a rejeição e a sobreproteção) e a idade e género de cada pai e mãe.

Desta forma, foi efetuada uma correlação bivariada, nomeadamente o coeficiente de correlação de Pearson, no qual permite a análise da relação ente as variáveis para uma amostra. Para o segundo objetivo estabelecido “ analisar a qualidade de vida da criança de acordo com estilo parental do seu pai/mãe ” ou seja, se as várias dimensões da qualidade de vida da criança (domínio físico, domínio psicológico, relações sociais, ambiente e auto estima) podem ser explicados pelos diferentes estilos educativos parentais.

Apresentação de resultados

No tema que se segue consta a apresentação de resultados e as respetivas análises de acordo com os resultados da investigação realizada e atendendo aos objetivos estabelecidos anteriormente.

Índice de consistência interna

O índice de consistência interna foi calculado através do Alfa de Cronbach, a fim de obter a correlação entre diferentes itens no mesmo teste (**Tabela 4**).

Tabela 4

Estatísticas da confiabilidade referentes aos questionários aplicados (Alpha de Cronbach)

Dimensões	Nº Itens	α
Suporte Emocional	17	0,85
Rejeição	17	0,71
Tentativa de Controlo	11	0,63
Kidscreen10	10	0.81

Após a análise do índice de consistência interna, através do cálculo do Alfa de Cronbach, verifica-se que o valor mais elevado é referente à dimensão suporte emocional, onde consta o valor de 0.85 (considerado elevado). Posto isto, a dimensão suporte emocional composta pelas questões 1,10,16,20,21,22,27,28,30,32,36,40,41 e 42, fazendo um total de 17 itens, é considerada fiável, uma vez que o seu índice de consistência interna é elevado.

Em relação à dimensão rejeição composta por 17 ítems (2,4,5,8,11,12,13,14,17,18,25,31,33,34,35,37 e 38) apresenta um alfa de 0.70, considerado aceitável. Por outro lado, a dimensão tentativa de controlo apresenta um índice de consistência mais reduzido uma vez que o valor alpha apresentado é de 0.63. Apesar de a dimensão anteriormente referida apresentar um índice de consistência interna relativamente inferior, verifica-se que todas as dimensões da escala de estilos parentais apresentam um índice de

confiabilidade aceitável com destaque para a dimensão suporte emocional que apresenta uma elevada confiabilidade segundo Ribeiro (1992).

Relativamente ao questionário Kidscreen-10, verifica-se igualmente um alfa de 0.81, considerado elevado, constituindo também uma dimensão do questionário com uma elevada confiabilidade.

Estatísticas Descritivas

A seguinte análise apresenta as estatísticas descritivas referentes às dimensões dos questionários utilizados na investigação, nomeadamente o questionário de estilos parentais e ainda as questões do questionário Kidscreen-10 referentes á qualidade de vida.

Tabela 3

Estatísticas descritivas referentes ao questionário Kidscreen-10

Itens questionário KidsScreen-10	N	M	DP
Sentiste-te bem e em forma?	286	3,89	0,88
Sentiste-te cheio de energia?	286	4	0,86
Tiveste tempo suficiente para ti próprio(a)?	286	3,91	1,02
Tiveste oportunidades suficientes para estar ao ar livre?	286	3,9	1,1
Os teus pais trataram-te com justiça?	286	4,27	0,92
Divertiste-te com os teus amigos (as)?	286	4,41	0,83
Foste bom/boa aluno(a) na escola?	286	3,83	0,87
Sentiste-te capaz de prestar atenção?	286	3,95	0,84
Sentiste-te triste?	286	4,09	0,87
Sentiste-te sozinho(a)?	286	4,54	0,84

Na tabela 3 constam as estatísticas descritivas referentes ao questionário aplicado às crianças, a fim de compreender a sua perceção acerca da qualidade de vida. Deste modo, verifica-se que todas as crianças responderam ao questionário na sua totalidade (N=296) com médias de resposta compreendidas entre os 3 e os 4 pontos na escala de Likert.

Desta forma, destacam-se os valores com maior e menor pontuação nas questões relacionadas com a dimensão social da qualidade de vida da criança, tais como a solidão e os amigos, respetivamente.

Tabela 4

Estatísticas descritivas das dimensões do questionário de estilos parentais

Dimensão questionário	N	M	DP
Suporte Emocional	276	3,27	0,41
Rejeição	269	1,59	0,25
Tentativa Controlo	271	2,58	0,37

Relativamente às estatísticas descritivas das dimensões de estilos parentais verifica-se uma heterogeneidade de respostas em todas as dimensões com destaque para a média mais elevada na dimensão de suporte emocional. Isto significa que os cuidadores percecionam mais comportamentos de suporte emocional e menos comportamentos de rejeição.

Correlações

Na apresentação que se segue, estão descritos os resultados do estudo correlacional entre os estilos parentais e os itens referentes á qualidade de vida da criança.

Tabela 5

Análises correlacionais referentes ao questionário de estilos parentais

Dimensões questionário	Suporte Emocional		Rejeição		Tentativa Controlo	
	Correlação Pearson	Sig.	Correlação Pearson	Sig.	Correlação Pearson	Sig.
Suporte Emocional	--	--	-0,17**	0,007	0,27**	0,00
Rejeição	-0,17**	0,007	--	--	0,30**	0,00
Tentativa Controlo	0,27**	0,00	0,30**	0,00	--	-

***p <0,001, **p <0,01, *p <0,05

A análise correlacional intra-questionários (tabela 5) mostra que todas as dimensões do questionário de estilos parentais apresentam correlações significativas entre si. Deste modo, salienta-se que a dimensão suporte emocional apresenta uma correlação negativa em relação á

dimensão de rejeição. Isto significa que os cuidadores que apresentarem resultados mais elevados na dimensão de suporte emocional vão apresentar resultados inferiores na dimensão rejeição e vice-versa.

Tabela 6

Análises correlacionais referentes aos questionários aplicados

Dimensões questionário estilo parental	KidsScreen	
	Correlação Pearson	Sig.
EmbuSuporteEmocional	0,289***	0,000
EmbuRejeição	-0,75	0,23
EmbuTentativaControlo	0,085	0,17

***p <0,001, **p <0,01, *p <0,05

Através da observação da tabela 6, verifica-se uma correlação significativa entre a dimensão de suporte emocional e a qualidade de vida da criança. Apesar de a rejeição apresentar uma correlação negativa, o seu valor não é estatisticamente significativo. Deste modo, afirma-se que a qualidade de vida da criança está fortemente associada a cuidadores cujo estilo parental é caracterizado pelo suporte emocional. É também possível verificar através dos resultados da tabela 6, que a qualidade de vida da criança está inversamente relacionada com a dimensão rejeição, ou seja, quanto maior for a rejeição por parte dos cuidadores, menor é a perceção da qualidade de vida por parte da criança.

Anova

Utilizou-se o método de análise da variância simples com o objetivo de analisar as diferenças entre grupos. O teste paramétrico pretende verificar as diferenças entre médias de resultados nos subgrupos. Deste modo, realizaram-se comparações de médias nas variáveis demográficas idade e género para as dimensões do questionário de estilos parentais e também para o questionário referente á qualidade de vida da criança.

Tabela 7

Anova Género Pais

Dimensões Questionário	Mulher		Homem		F	Sig.
	M	DP	M	DP		
EmbuSuporteEmocional	3,33 ₃	0,36	3,11 ₁	0,48	18,68***	0
EmbuRejeição	1,59 ₁	0,24	1,58 ₉	0,27	0,11	0,74
EmbuTentativaControlo	2,6 ₉	0,36	2,53 ₅	0,38	2,58	0,11

***p <0,001, **p <0,01, *p <0,05

Após o cálculo de diferenças entre médias na variável referentes ao género dos pais, verifica-se que as diferenças estatisticamente significativas constam apenas na dimensão de suporte emocional. Deste modo, verifica-se que os indivíduos do sexo feminino apresentam uma média superior em relação ao cuidadores do sexo masculino.

Tabela 8*Anova Idade Pais*

Dimensões Questionário	Até 35 anos		Dos 36-45 anos		46 ou mais anos		F	Sig.
	M	DP	M	DP	M	DP		
EmbuSuporteEmocional	3,36	0,48	3,30	0,40	3,17	0,42	3,219***	0,043
EmbuRejeição	1,54	0,20	1,59	0,26	1,60	0,25	0,43	0,65
EmbuTentativaControlo	2,58	0,21	2,62	0,39	2,49	0,35	3,66***	0,027

***p <0,001, **p <0,01, *p <0,05

Relativamente às diferenças entre médias na idade dos pais, verifica-se que existem diferenças estatisticamente significativas na dimensão suporte emocional e na dimensão tentativa de controlo. Relativamente á dimensão de suporte emocional verifica-se que quanto mais idade têm os pais, menos suporte emocional apresentam. Por outro lado verifica-se também que relativamente á dimensão de tentativa de controlo os resultados indicam que os pais com idades compreendidas entre os 36 e 45 anos de idade apresentam maiores valores nesta dimensão. Em relação á dimensão rejeição, não se observam diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 9*Anova género filhos*

	Rapariga		Rapaz		F	Sig.
	M	DP	M	DP		
KidsScreen	4,03	0,56	4,14	0,52	2,73	0,009*

***p <0,001, **p <0,01, *p <0,05

Através da observação da tabela referente às diferenças de médias no género dos filhos

(**tabela 9**), não se verificam diferenças estatisticamente significativas, porém verifica-se que os rapazes percecionam uma maior qualidade de vida em relação às raparigas.

Tabela 10*Anova idade filhos*

	Entre 6 e 9 anos		Entre 10 e 12 anos		13 ou mais anos		F	Sig.
	M	DP	M	DP	M	DP		
KidsScreen	4,43	0,54	4,24	0,41	3,9	0,53	25,97***	0

***p <0,001, **p <0,01, *p <0,05

No que diz respeito às diferenças entre médias na idade dos filhos verificam-se igualmente diferenças estatisticamente significativas. A tabela 10 indica que, quanto mais idade têm as crianças, menos qualidade de vida percecionam. Salienta-se, deste modo, os valores bastante significativos na variável idade, no que concerne à perceção da qualidade de vida da criança.

Regressão

Em seguida serão apresentados os valores referentes à influência dos estilos parentais na qualidade de vida da criança, incluindo as variáveis demográficas como o género e a idade. O modelo de regressão é utilizado para analisar a relação entre as variáveis. O modelo em causa tem como objetivo prever a variável dependente (qualidade de vida da criança) em função das variáveis independentes.

Tabela 11*Síntese do modelo de regressão*

Modelo	R ²	R ² Ajustado
1	0,156	0,149
2	0,165	0,151
3	0,219	0,195

Na tabela anterior verifica-se deste modo o coeficiente de determinação (R²) e o coeficiente de determinação ajustado (R² ajustado). O R² apresenta um valor de 0.156, quer isto dizer que 16% da variabilidade total é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo de regressão linear ajustado.

Tabela 12

Análise da variância (Anova)^a da Regressão

Modelo	gl	F	Valor-p
1 Regressão	2	21,80	0.00 ^b
Resíduo	236		
2 Regressão	4	11,57	0.00 ^c
Resíduo	234		
3 Regressão	7	9,24	0.00 ^d
Resíduo	231		

a. Variável dependente: Kids10

b. Preditores: (Constante), Idade filho, género filho;

c. Preditores: (Constante), Idade filho, género filho, género, idade

d. Preditores: (Constante), Idade filho, género filho, género, idade, EmbuRejeição, EmbuSuporteEmocional, EmbuTentativaControlo

A tabela 12 refere a significância do modelo ajustado ou seja permite testar se algumas das variáveis independentes pode influenciar ou não a variável dependente. A estatística de teste F, apresenta um valor de 21,80 com um Valor-p associado de 0.000. Deste modo, conclui-se que pelo menos uma das variáveis independentes possui um efeito bastante significativo ou seja o modelo de regressão em causa é estatisticamente significativo.

Tabela 13

Coefficientes de regressão para o modelo^a

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes Padronizados		
	B	Erro Padrão	Beta	t	Sig.
1 (Constante)	5,0007	0,194		25,83	0
Género criança	0,27	0,068	0,024	0,4	0,69
Idade criança	-0,79	0,012	-0,39	-6,46	0
Modelo					
2 (Constante)	5,37	0,3		17,66	0
Género criança	0,02	0,07	0,02	0,33	0,74
Idade criança	-0,07	0,01	-0,36	-5,25	0
Género pais	-0,06	0,07	-0,05	-0,85	0,4
Idade pais	-0,008	0,007	-0,08	-1,17	0,25
Modelo					
3 (Constante)	4,05	0,54		7,54	0
Género criança	0,004	0,07	0,004	0,07	0,95
Idade criança	-0,06	0,01	-0,31	-4,53	0
Género pais	0,001	0,07	0,001	0,013	0,99
Idade pais	0,006	0,007	-0,06	-0,93	0,35
Embu_SuporteEmocional	0,34	0,01	0,238	3,67	0
Embu_Rejeição	-0,07	0,14	-0,03	-0,46	0,64
Embu_TentativaControlo	0,009	0,1	0,006	0,09	0,93

a. Variável Dependente: Kids10

A tabela 13 contém as estimativas dos parâmetros e as restantes estimativas do erro padrão, os cálculos dos coeficientes padronizados bem como o valor da estatística t-student. Deste modo, conclui-se que para níveis de significância de 5%, a variável idade e a variável suporte emocional influenciam a qualidade de vida da criança. Deste modo verifica-se que a idade da criança afeta a sua perceção da qualidade de vida e os comportamentos parentais de suporte emocional têm influência nessa mesma perceção.

Discussão

No tema anterior foram apresentados os resultados, procedendo-se em seguida á discussão dos resultados obtidos. A discussão que se segue será apresentada de acordo com os objetivos previamente estabelecidos.

A investigação realizada procurou atingir um conjunto de resultados e objetivos estabelecidos no âmbito da parentalidade e da qualidade de vida da criança. O estudo tem como finalidade compreender e caracterizar a forma como os estilos parentais têm impacto na qualidade de vida da criança e perceber como se os fatores demográficos tais como a idade e o género dos participantes, têm influência nas variáveis.

Deste modo, e de acordo com os resultados previamente apresentados e a respetiva literatura consultada, verifica-se que os estilos parentais têm impacto na qualidade de vida da criança e que as variáveis demográficas têm impacto na conduta dos pais e das crianças.

Assim, afirma-se que a investigação atingiu os objetivos previamente estabelecidos, que incidem na caracterização da relação existente entre os estilos parentais e a qualidade de vida da criança.

Relativamente ao primeiro objetivo estabelecido, que consistia na caracterização das variáveis principais segundo a idade e género, verificam-se diferenças estatisticamente significativas tanto nos estilos parentais como na qualidade de vida da criança. No que diz respeito á caracterização dos estilos parentais verifica-se que os pais e mães se distinguem substancialmente na dimensão de suporte emocional, sendo que as mães se destacam relativamente a esta dimensão. No que concerne ás restantes dimensões, designadas por dimensão de rejeição e dimensão de tentativa de controlo, não se verificam diferenças estatisticamente significativas. A caracterização referente aos estilos parentais, confirma a literatura consultada em (Mizoguch, Balbim, & Vieira, 2013) indicando também que os

cuidadores do sexo feminino apresentam valores superiores em todas as dimensões do questionário de estilos parentais. Desta forma, verificam-se também diferenças significativas ao nível da idade na dimensão de suporte emocional e na dimensão de tentativa de controlo. Através dos cálculos efetuados, verifica-se que os pais com mais idade apresentam menos comportamentos de suporte emocional, registando-se os valores mais elevados nos pais com idade até aos 35 anos de idade. Relativamente á dimensão de tentativa de controlo, os resultados indicam que os pais com mais idade demonstram menos comportamentos de controlo. Salienta-se também que os pais com maior pontuação na referida dimensão, se situam entre os 36 e os 45 anos de idade. A informação recolhida é validada pela literatura através dos autores (Ferreira et al, 2014) onde é referido que os pais tendem a percecionar menos sentimentos de empatia e disponibilidade emocional, com o avançar da idade.

O objetivo estabelecido no momento seguinte procurou caracterizar as diferenças de idade e género no que se refere á qualidade de vida da criança. Face ao exposto, verifica-se que os rapazes percecionam uma maior qualidade de vida, informação que se enquadra na literatura referida por (Raven-Sieber et al, 2005). No que diz respeito á variável demográfica relativa ao género, os resultados mostram diferenças estatisticamente significativas, sendo possível afirmar que a perceção da qualidade de vida da criança vai diminuindo á medida que a criança vai crescendo, ou seja, tendo mais idade. Deste modo, verificam-se os valores mais altos nas crianças com idades entre os 6 e os 9 anos de idade, e os valores menores em crianças com 13 ou mais anos de idade. A informação obtida é consistente com os resultados apresentados por Gaspar et al (2010), investigação referente á validação do questionário Kidscreen-52, em Portugal.

No que se refere á caracterização da qualidade de vida da criança face aos estilos parentais (objetivo anteriormente proposto) os resultados indicam que existe uma forte

associação da dimensão de suporte emocional à qualidade de vida dos filhos. Quer isto dizer que as crianças com maior percepção da qualidade de vida estão fortemente associados a pais com comportamentos que estimulam a autonomia, a resolução de problemas com recurso ao diálogo, a disciplina e imposição de regras, tendo sempre em conta a opinião de ambos os intervenientes (Baumerind, 1966). Segundo os resultados da presente investigação, verifica-se uma forte correlação entre os dois fatores supracitados, traduzindo-se em crianças com um melhor desenvolvimento e por sua vez, com menores comportamentos disfuncionais (Weber, et al, 2004).

Embora não se verifiquem valores estatisticamente significativos para as restantes dimensões dos estilos parentais, verifica-se uma correlação negativa entre a qualidade de vida da criança e a dimensão rejeição dos estilos parentais, caracterizada por pais que não cumprem o seu papel de forma adequada, traduzindo-se em pais com uma relação pouco afetuosa com os seus filhos. Por esta razão, a literatura afirma que as dimensões anteriormente mencionadas têm impacto no apego e nos níveis de afetividade da criança, traduzindo-se num impacto positivo em relação ao suporte emocional e num impacto negativo em relação à dimensão de rejeição. Desta forma, as crianças são identificadas como tendo menores capacidades afetivas e menos capacidade de auto-regulação (Simões, Faratea, Soares, & Duarte, 2013).

Numa última análise, verificou-se a influência das variáveis em estudo, na qualidade de vida da criança. Os resultados apresentados demonstraram a influência da variável demográfica relativa à idade da criança e da dimensão de suporte emocional, presente nos estilos parentais.

Assim sendo, a investigação realizada permitiu concluir que a percepção da qualidade de vida da criança está de algum modo associada à sua idade, uma vez que à medida que esta

vai crescendo e atingindo diferentes estágios do seu desenvolvimento a criança tende a perceber de forma diferente, não só sobre si própria mas também sobre aquilo que a rodeia, o que interfere na sua percepção da qualidade de vida (Assumpção, Kuczynski, Sprovieri, & Aranha, 2000).

Em relação á influência do suporte emocional na percepção da qualidade de vida da criança, a literatura consultada afirma que o suporte emocional se revela como a dimensão que comporta mais aspetos positivos na conduta da criança, tais como aspetos no seu desenvolvimento e também na sua conduta escolar. Por conseguinte, estas crianças comportam maiores níveis de felicidade nas dimensões da qualidade de vida, tendo como destaque a dimensão social (Araújo, 2015).

Em suma, conclui-se que a análise efetuada em torno dos estilos parentais e a percepção da qualidade de vida da criança, vai de encontro à literatura consultada, uma vez que os pais democráticos apresentam crianças mais optimistas, com menores níveis de auto-estima e ainda apresentam menores níveis de ansiedade e uma menor propensão para comportamentos desviantes (Rinhel-Silva, Constantino & Rondim, 2012). Deste modo, verifica-se que as relações entre pais e filhos são dotadas de uma grande complexidade, uma vez que os pais procuram cada vez mais o êxito e o desenvolvimento adequado dos seus filhos (Araújo, 2015)

Conclusão

A presente investigação permitiu recolher conclusões gerais a partir de todo o estudo realizado e dos dados obtidos através da amostra constituída por 296 pais e filhos. Deste modo aponta-se para a influência do fator demográfico idade na variável que aponta para a qualidade de vida da criança, e do conseqüente estilo parental percebido pelos pais.

Conclui-se também que os comportamentos parentais associados ao suporte emocional têm uma grande influência na qualidade de vida da criança, em detrimento das dimensões rejeição e tentativa de controlo onde se verificaram valores inferiores. Verifica-se também que a qualidade de vida da criança está negativamente relacionada com a rejeição tal como esperado, uma vez que os pais cujo estilo parental é caracterizado pela rejeição obtêm resultados inferiores na percepção da qualidade de vida das crianças.

Em relação às crianças e jovens inquiridas no presente estudo é possível concluir que os rapazes percebem uma maior qualidade de vida e que a sua idade tem também influência nessa percepção.

De um modo geral, conclui-se que todos os comportamentos e práticas parentais têm influência na qualidade de vida da criança, o que influencia a sua conduta em todas as componentes da sua vida, seja na escola, com os seus amigos ou até mesmo consigo mesmos.

Por outro lado, apontam-se também algumas limitações neste estudo, como é o caso da homogeneidade da amostra, uma vez que a grande maioria dos cuidadores que a representaram é constituída por indivíduos do sexo feminino, o que impossibilita ter uma caracterização detalhada da qualidade da parentalidade entre os cuidadores do sexo masculino e feminino. Uma outra limitação está também relacionada com a desejabilidade social nas respostas dadas pelos pais aquando da aplicação do questionário Embu-P, o que pode de alguma forma enviesar as respostas dadas. Embora tenham sido identificadas algumas

limitações ao longo da investigação, conclui-se que a informação recolhida acerca da parentalidade e da qualidade de vida da criança se torna num importante contributo não só na prática clínica, mas também ao nível da educação e desenvolvimento da criança, temas importantes na sociedade atual.

Torna-se igualmente importante a realização de investigações futuras no âmbito da parentalidade, uma vez que a qualidade da parentalidade e a conduta das crianças e jovens constituem temas determinantes ao nível da intervenção com famílias e resolução de problemas entre pais e filhos. Deste modo, sugere-se que em investigações futuras, seja realizada uma abordagem que inclua a perceção dos estilos parentais e a qualidade de vida entre irmãos e ainda temas igualmente pertinentes como a satisfação conjugal e a dinâmica familiar. Num momento posterior seria igualmente oportuno realizar um estudo longitudinal, a fim de analisar as transformações na perceção de pais e de filhos ao longo dos anos, caracterizando deste modo as alterações que se mostrem significativas.

Referências Bibliográficas

- Alves, P. B.(1997). A ecologia do desenvolvimento humano:experimentos naturais e planejados. *Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, 10(2), 1-4;
- Araújo, M. d. (2015). A família em Contexto. Em M. d. Araújo, *Família, Escola e Sucesso Escolar* (24-43). Lisboa : Coisas de Ler;
- Assumpção, F. B., Kuczynsk, E., Aranha, E. M., & Sprovieri, M. (2000). Escala de avaliação da qualidade de vida. *Arquivo Neopsiquiatrico*, 58(1),119-127.
- Barros, L. (2015). Intervenção com Pais: Processo e fases de mudança. Em A. I. Pereira, A. Goes, & L. Barros, *Promoção da parentalidade positiva*, (1-48). Lisboa: Coisas de Ler;
- Barros, L. (2016). Família, Saúde e Doença: A intervenção dirigida aos pais. Retirado de <http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/768/1/Fam%C3%ADlia%2C%20sa%C3%BAdade%20e%20doen%C3%A7a.pdf>;
- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907;
- Cecconello, A. M., Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54.
- Delgado, P. (2009). O acolhimento familiar numa perspectiva ecológico-social. *Revista Lusófona de Educação*,14, 157-168.
- Eliser, C. (1997). Children's quality of life measures . *Archives of Disease in Childhood*, 350-354.

- Faco, V. M., & Melchiori, L. E. (2009). *Conceito de família: Adolescentes de zona rural e urbana*. Unesp;
- Ferreira, B., Monteiro, L., Fernandes, C., Cardoso, J., Veríssimo, M., & Santos, A. J. (2014). Percepção de competência parental: Exploração de domínio geral de competência e domínios específicos de auto-eficácia, numa amostra de pais mães portuguesas. *Análise Psicológica*, 32(2), 145-156.
- Francisco, R., Carneiro, J., & Pinto, H. R. (2016). *Família e psicologia*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Gaspar, T.; Matos, M., Ribeiro, J., & Gonçalves, A. (2005). Saúde, qualidade de vida e desenvolvimento. *Comunicação, gestão de conflitos e saúde na escola*, 95-107. Lisboa: FMH.
- Gaspar, T., Matos, M., Ribeiro, J., & Leal, I. (2008). Promoção da qualidade de vida em crianças e adolescentes. *Psicologia, Saúde e doenças*, 9(1), 55-71.
- Gaspar, T., Matos, M., Batista-Foguet, J., Ribeiro, J., & Leal, I. (2010). Parent-Child perceptions of quality of life: Implications for health intervention. *Journal of Family Studies*, 16 (2), 143-154.
- Gaspar, T., Ribeiro, J. P., Leal, I., & Matos, M. (2006). Qualidade de vida de crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 2(2), 47-60.
- Gaspar, T., Ribeiro, J., Matos, M., Leal, I., & Ferreira, A. (2009). Psychometric properties of a brief version of the escala de satisfação com o suporte Social for children and adolescent. *The Spanish Journal of Psychology*, 22(3), 360-372.

- Goes, A. R., & Barros, L. (2015). Aconselhamento parental como estratégia de promoção de saúde infantil: Das oportunidades de intervenção aos resultados . Em A. I. Pereira, *Promoção Da Parentalidade Positiva*, 49-108. Lisboa: Coisas de Ler.
- Gomes, A. (2003). A importância da família no desenvolvimento da criança. Em I. Matos, I. Páscoa, J. Leonardo, J. Torres, & M. Coelho, *V Encontro Anual dos Serviços de Psicologia e Orientação da Casa Pia de Lisboa - Comunicações* 109-126. Lisboa: Casa Pia de Lisboa.
- Jenney, M. E., & Campbell, S. (1997). Measuring quality of life. *Archives of Disease in Childhood*, 84, 347-354.
- Jiménez, Á. P., & Delgado, A. O. (2002). Comunicación y conflicto familiar durante la adolescencia. *Anales de psicología*, 18(2), 215-231.
- Magnuson, K. A., & Duncan, G. J. (2006). The role of family socioeconomic resources in the black–white test score gap among young children. *Elsevier* , 26, 365-399.
- Martins, A. C., & Ribeiro, J. P. (2008). Desenvolvimento e validação da escala de auto-eficácia para utilizadores de cadeira de rodas. *Análise Psicológica*, 26 (1), 135-145.
- Mizoguch, M. V., Balbim, G. M., & Vieira, L. F. (2013). Estilo Parental, motivação e satisfação de atletas de beisebol: Um estudo correlacional . *Revista Educação Física*, 24 (2), 215-223.
- Natália, L., Weber, D., Prado, P. M., Viezzer, A., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, (17) 3, 323-331.

- Pasquali, L., Gouveia, V. V., Santos, W. S., Fonsêca, P. N., Andrade, J. M., & Lima, T. J. (2012). Questionário de percepção dos pais: evidências de uma medida de estilos parentais. *Paidéia*, 22(52), 155-164.
- Pedro, M. F., Carapito, E., & Ribeiro, T. (2015). Parenting styles and dimensions questionnaire - versão portuguesa de autorrelato. *Psychology /Psicologia Reflexão e Crítica*, 28(2), 302-312.
- Pereira, A. I. (2015). Intervenção com pais nas perturbações de ansiedade em crianças e adolescentes. Em A. I. Pereira, A. Goes, & L. Barros, *Promoção da Parentalidade Positiva*, 211-264. Lisboa: Coisas de Ler.
- Poletto, M., & Koller, S. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*, 25(3), 405-416.
- Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2013). Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos em idade escolar: Estudo com uma amostra portuguesa. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 29(4), 381-391.
- Prust, L. W., & Gomide, P. (2007). Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes. *Estudos de Psicologia*, 24(1), 53-60.
- Reichert, C. B., & Wagner, A. (2007). Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais. *Psico*, 38(3), 292-299.
- Rochinha, J., & Sousa, B. (2012). Os estilos e práticas parentais, a alimentação e o estado ponderal dos seus filhos. *Revista SPCNA*, 18(1), 1-7.

- Seidl, E. M., & Zannon, C. (2004). Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(2), 580-588.
- Natália, L., Weber, D., Prado, P. M., Viezzer, A., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, (17) 3, 323-331.
- Soares, A. H., Martins, A., Lopes, M. B., Britto, J. A., De Oliveira, C. Q., & Moreira, M. C. (2011). Qualidade de vida de crianças e adolescentes: uma revisão bibliográfica. *Ciências e Saúde Coletiva*, 16 (7), 3197-3206.
- Sousa, J. E. (2006). As famílias como projectos de vida: O desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade. *Saber (e) Educar*, 11, 41-47.
- Valle, T. G., & Maia, A. (2010). *Aprendizagem e comportamento humano*. São Paulo: Unesp Editora.
- Weber, L. N., Prad, P. M., Viezzer, A., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia Reflexão e Critica*, 17(3), 323-331.
- Zillmer, J. G., Schwartz, E., Muniz, R. M., & Meincke, S. K. (2011). Modelo ecológico de Urie Bronfenbrenner e inserção ecológica. *Contexto Enfermagem Florianópolis*, 20(4), 669-674.

Anexos

Anexo I

Exemplo de documento de autorização

Exma. Senhora. Directora

O Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada de Lisboa está a desenvolver uma investigação relacionada com o perfil parental e a sua relação com a qualidade de vida dos filhos.

O estudo pretende caracterizar e compreender os fatores parentais, tais como competências parentais, dinâmica familiar, resiliência e suporte social e como estes influenciam o bem-estar e qualidade de vida dos respetivos filhos. Pretendemos estudar pais e crianças e adolescentes dos 6 aos 16 anos de idade.

Na sequência da reunião realizada com XXXXXX, vimos por este meio solicitar a vossa colaboração para o estudo apresentado, pensando que o mesmo pode ser uma mais-valia para ambas as partes.

Qualquer informação adicional, disponha por email tania.gaspar@edu.ulusiada.pt ou pelo 962852290.

Respeitosos cumprimentos,

Tânia Gaspar

Directora do Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Universidade Lusíada de Lisboa

Anexo II

Questionário aplicado á população parental - Questionário de Avaliação da

Perceção das Práticas Parentais”, sendo que a versão original é designada por “

EMBU-P (Egna Minnen Bertraffande Uppfostran - Parents version) “(Canavarro, M.

C., & Pereira, A. I. (2007).

PEDIMOS A SUA COLABORAÇÃO NESTA INVESTIGAÇÃO QUE ESTÁ A SER REALIZADA EM PORTUGAL.

Pretendemos caracterizar e compreender os fatores parentais, tais como competências parentais, dinâmica familiar, resiliência e suporte social e como estes influenciam o bem-estar dos filhos dos 6 aos 16 anos de idade.

Os dados recolhidos destinam-se a procedimentos meramente estatísticos, tendo em vista o alargamento dos conhecimentos nesta área, bem como, ponderar formas de intervenção adequadas às necessidades. Os dados serão recolhidos através do instrumento seguinte e tem um tempo aproximado de resposta de 30 minutos.

A sua colaboração é fundamental. Sinta-se livre de aceitar ou recusar participar no estudo. Asseguramos que todos os dados por si fornecidos são confidenciais.

Não existem respostas certas ou erradas, apenas lhe pedimos que responda a todas as questões apresentadas com a máxima sinceridade possível. Sempre que lhe surgirem dúvidas, poderá esclarecê-las junto da pessoa que está na sala a aplicar os questionários. Muito obrigada pela sua colaboração.

1. Idade _____

2. Estado Civil

Solteiro(a)
 União de Facto
 Casado(a)
 Separado(a)
 Divorciado(a)
 Viúvo(a)

3. Género Feminino
 Masculino

4. Quantos filhos tem? _____

4.1. Idade(s) de cada filho(a) _____

5. Nível de escolaridade

Não sabe ler nem escrever	<input type="checkbox"/>		
Não completou o Ensino Básico	<input type="checkbox"/>		
Ensino Básico 1º Ciclo	<input type="checkbox"/>	2º Ciclo <input type="checkbox"/>	3º Ciclo <input type="checkbox"/>
Ensino Secundário 10º Ano	<input type="checkbox"/>	11º Ano <input type="checkbox"/>	12º Ano <input type="checkbox"/>
Licenciatura	<input type="checkbox"/>		
Mestrado	<input type="checkbox"/>		
Doutoramento	<input type="checkbox"/>		

6. Área de residência

Aldeia
 Vila
 Cidade

7. Pessoa com quem coabita

Sozinho(a)
 Cónjuge
 Cónjuge e Filhos

Filhos

--

 Outros parentes

--

8. Situação profissional

Empregado(a) por conta própria

--

 Empregado(a) por contra de outrem

--

 Desempregado(a)

--

 Reformado(a)

--

 Outra _____

9. Profissão

Dados do Agregado Familiar e do (s) Filho (s) com idades entre os 6 e os 16 anos (se tiver mais do três filhos com estas idades responda em relação aos 3 mais velhos):

10. Escolaridade

	Filho1	Filho2	Filho3
1º Ciclo			
2º Ciclo			
3º Ciclo			
Secundário			

11. Frequenta o ensino:

	Filho1	Filho2	Filho3
Público			
Privado			
IPSS			

12. O seu educando frequenta atividades extracurriculares?

	Filho 1	Filho 2	Filho 3
Não			
Sim			

12.1. Quantas atividades extracurriculares tem?

	Filho1	Filho2	Filho3
1			
2 a 3			
Mais de 4			

12.2. Quais ? _____

12.3. Com que frequência?

	Filho1	Filho2	Filho3
0-1 p/semana			
2-3 p/semana			
4-6 p/semana			
Mais de 7 vezes p/ semana			

13. Pratica(m) modalidades desportivas regularmente?

	Filho 1	Filho 2	Filho 3
Não			
Sim			

13.1. Número de vezes por semana

	Filho1	Filho2	Filho3
2 vezes			
1 vezes			
+ 3 vezes			

13.2. Desportista(s) federado?

	Filho 1	Filho 2	Filho 3
Não			
Sim			

14. O(s) seu(s) educando(s) frequenta(m) um Centro de Estudos ou ATL?

	Filho 1	Filho 2	Filho 3
Não			
Sim			

Qual a razão? _____

15. Com que antecedência chega(m) o seu(s) filho(s) à escola antes da 1ª aula do dia ?

	Filho1	Filho2	Filho3
15min ou hora certa			
30min			
1h			

16. A que horas chega(m) geralmente a casa?

	Filho1	Filho2	Filho3
Antes das 17h30			
Entre as 17h30 e às 19h30			
Depois das 19h30			

17. A que horas costuma deitar o seu(s) educando(s)?

	Filho1	Filho2	Filho3
Antes das 20h30			
Entre as 20h30 e às 21h30			
Depois das 22h			

Quem costuma deitar os educandos? _____

18. Como costuma(m) ocupar as suas noites?

	Filho1	Filho2	Filho3
Ler			
Ver televisão			
Sair			
Outras			

Quais? _____

22. O(s) seu(s) filho(s) vive(m) consigo?

	Filho 1	Filho 2	Filho 3
Não			
Sim			

Em caso negativo, há quantos anos é que não vive(m) com o(s) seu(s) filho(s)? _____

B - Mesmo que seja difícil explicar com exatidão como se relaciona ou se relacionou com os seus filhos, certamente tem uma ideia, mais ou menos precisa, de como o(s) tem educado e porque tem procedido dessa forma.

Para responder a este questionário é muito importante que tente recordar as atitudes e comportamento que tem tido em relação ao(s) seu(s) filho(s). Como verá, cada pergunta pode ser respondida de diferentes maneiras. Deve escolher a resposta que melhor reflita o comportamento que tem ou teve para com o(s) seu(s) filho(s). **Depois de ter escolhido a resposta mais apropriada ao seu caso, deverá preenche-la com uma cruz.**

Como verá, algumas perguntas não podem ser respondidas se tem só um filho; nesse caso, deixe a resposta em branco.

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
b1. Demonstração ao(s) seu(s) filho(s), com palavras e gestos, que gosta deles(s)?				
b2. Castiga o(s) seu(s) filho(s) mesmo no caso de pequenas faltas?				
b3. Tenta influenciar o(s) seu(s) filho(s) para que ele(s) venha(m) a ser pessoa(s) bem colocada(s) na vida?				
b4. Deseja que o(s) seu(s) filho(s) seja(m) diferente em algum aspecto?				
b5. Acha que é demasiado severo(a) com o(s) seu(s) filho(s)?				
b6. Decide como o seu(s) filho(s) deve(m) vestir-se/aspecto deve(m) ter?				
	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
b7. Proíbe o(s) seu(s) filho(s) de fazer coisas que outras crianças da idade dele(s) fazem por medo que lhe(s) aconteça algo de mal?				
b8. Bate ou repreende o(s) seu(s) filho(s) em frente de outras pessoas?				
b9. Preocupa-se em saber o que faz o(s) seu(s) filho(s) na sua ausência?				
b10. Quando as coisas correm mal ao(s) seu(s) filho(s), tenta compreendê-lo(s) e anima-lo(s)?				
b11. Impõe ao(s) seu(s) filho(s) mais castigos corporais do que ele(s) merece(m)?				
b12. Aborrece-se com o(s) seu(s) filho(s) porque ele(s) não o (a) ajuda(m) nas tarefas de casa como gostaria?				
b13. Quando acha que o(s) seu(s) filho(s) faz(em) algo mal, mostra-se de tal forma triste que o faz sentir-se culpado?				
b14. Conta a outras pessoas o que o(s) seu(s) filho(s) faz(em) ou diz(em), envergonhando-o(s) com isso?				
b15. Mostra interesse em que o(s) seu(s) filho(s) tire(m) boas notas?				
b16. Ajuda o(s) seu(s) filho(s) quando ele(s) enfrenta(m) uma tarefa difícil?				

b17. Diz ao(s) seu(s) filho(s) frases como estas: " Com a tua idade não deverias comportar-te desta forma"?				
b18. Fica triste por culpa do(s) seu(s) filho(s)?				
b19. Tenta estimular o(s) seu(s) filho(s) para que ele seja o melhor?				
b20. Demonstra ao(s) seu(s) filho(s) que está satisfeito com ele(s)?				
b21. Confia no(s) seu(s) filho(s) de tal forma que o(s) deixa atuar sob a sua própria responsabilidade?				
b22. Respeita as opiniões do(s) seu(s) filho(s)?				
b23. Se o(s) seu(s) filho(s) tem pequenos segredos, pede insistentemente que lhos conte?				
b24. Quer estar ao lado do(s) seu(s) filho(s)?				
b25. Acha que é "forreta" e "duro(a)" para com o(s) seu(s) filho(s)?				
b26. Quando regressa a casa, o(s) seu(s) filho(s) tem que dar-lhe explicações sobre o que fez(em)?				
b27. Tenta que a infância do(s) seu(s) filho(s) seja estimulante e atrativa? (por exemplo: dando-lhe(s) bons livros, encorajando-o(s) a em passeios e excursões, etc.)				
	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
b28. Elogia o comportamento do(s) seu(s) filho(s)?				
b29. Diz ao(s) seu(s) filho(s) frases como estas: " É assim que nos agradeces todo o esforço que temos feito por ti e todos os sacrifícios que temos feito para o teu bem"?				
b30. Quando o(s) seu(s) filho(s) está triste, pode procurar a sua ajuda e compreensão?				
b31. Diz ao(s) seu(s) filho(s) que não está acordo com a forma de ele(s) se comportar(am) em casa?				
b32. Interessa-se pelo tipo de amigos mais próximos do(s) seu(s) filho(s)?				
b33. É brusco e pouco amável com o(s) seu(s) filho(s)?				
b34. Castiga o(s) seu(s) filho(s) com dureza, inclusive por coisas que não têm importância?				
b35. Acha que o(s) seu(s) filho(s) deseja(m) que se preocupe menos com as atividades dele(s)?				

b36. Participa ativamente nos passatempos e diversões do(s) seu(s) filho(s)?				
b37. Bate ao(s) seu(s) filho(s)?				
b38. Coloca limitações estritas ao que o(s) seu(s) filho(s) pode(m) ou não fazer, obrigando-o(s) a respeitá-las rigorosamente?				
b39. Tem um medo exagerado que aconteça alguma coisa ao(s) seu(s) filho(s)?				
b40. Acha que há carinho e ternura entre si e o(s) seu(s) filho(s)?				
b41. Fica orgulhoso(a) do(s) seu(s) filho(s) quando ele(s) consegue(m) atingir objetivo a que se propõe(m)?				
b42. Manifesta ao(s) seu(s) filho(s) que está satisfeito com ele(s) através de expressões físicas carinhosas como dar-lhe(s) palmadas nas costas, abraçá-lo(s), etc.?				

C - As questões que se seguem são relativas à sua saúde em geral. Assinale 1 resposta em cada linha.

	Melhor que o habitual	Como habitual	Pior do que o habitual	Muito pior do que o habitual
c1. Tem-se sentido perfeitamente bem de saúde?				
	Não, em absoluto	Não mais do que o habitual	Mais do que o habitual	Muito mais do que o habitual
c2. Têm sentido a necessidade de um tónico?				
c3. Tem-se sentido em baixo de forma e maldisposto?				
	Não, em absoluto	Não mais do que o habitual	Mais do que o habitual	Muito mais do que o habitual
c4. Tem-se sentido doente?				
c5. Tem tido dores de cabeça?				
c6. Tem tido uma sensação de aperto ou pressão na cabeça?				
c7. Tem tido ataques de frio ou calor?				
c8. Tem perdido o sono devido a preocupações?				
c9. Depois de adormecer acorda várias vezes?				
c10. Tem-se sentido constantemente sobre tensão?				
c11. Tem-se sentido irritável de mau humor?				
c12. Tem-se sentido assustado ou têm entrado em pânico sem razão?				
c13. Tem tido a sensação de que está tudo a cair em cima de si?				
c14. Tem-se sentido permanentemente nervoso e tenso?				

c15. Tem conseguido manter-se ativo e ocupado?				
c16. Tem levado mais tempo a fazer as tarefas normais?				
c17. Acha que, de um modo geral, tem trabalhado bem?				
c18. Sente-se satisfeito com a maneira como tem cumprido as suas tarefas?				
c19. Tem-se sentido útil no que faz?				
c20. Tem-se sentido capaz de tomar decisões?				
c21. Tem tido prazer nas suas atividades normais do dia-a-dia?				
c22. Tem-se considerado uma pessoa sem valor nenhum?				
c23. Tem sentido que já não há nada a esperar da vida?				
c24. Tem sentido que a vida já não vale a pena?				
c25. Já pensou na hipótese de um dia vir a acabar consigo?				
c26. Acha que as vezes não consegue fazer nada por causa dos nervos?				
c27. Tem dado consigo a pensar estar morto e longe de tudo?				
c28. Acha que a ideia de acabar com a sua vida está sempre a vir-lhe à cabeça?				

D - Assinale 1 resposta para cada linha

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
d1. Quando faço planos, levo-os até ao fim.					
d2. Eu normalmente acabo por conseguir alcançar os meus objectivos.					
	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
d3. Sou capaz de depender de mim próprio mais do que de qualquer outra pessoa.					
d4. Manter-me interessado nas atividades do dia-a-dia é importante para mim.					
d5. Posso estar por conta própria se for preciso.					
d6. Sinto-me orgulhoso por ter alcançado objectivos na minha vida.					
d7. Normalmente faço as coisas conforme elas vão surgindo.					
d8. Sou amigo de mim próprio.					
d9. Sinto que consigo lidar com várias coisas ao mesmo tempo.					

d10. Sou determinado.					
d11. Raramente me questiono se a vida tem sentido.					
d12. Vivo um dia de cada vez.					
d13. Posso passar por tempos difíceis porque enfrentei tempos difíceis antes.					
d14. Tenho autodisciplina.					
d15. Mantenho-me interessado nas coisas.					
d16. Geralmente consigo encontrar algo que me faça rir.					
d17. A confiança em mim próprio ajuda-me a lidar com tempos difíceis.					
d18. Numa emergência, sou alguém com quem as pessoas podem contar.					
d19. Normalmente consigo olhar para uma situação de várias perspectivas.					
d20. Às vezes obrigo-me a fazer coisas quer queira quer não.					
d21. A minha vida tem sentido.					
d22. Eu não fico obcecado com coisas que não posso resolver.					
d23. Quando estou numa situação difícil, normalmente consigo encontrar uma solução.					
d24. Tenho energia suficiente para fazer o que deve ser feito.					
d25. Não tenho problema com o facto de haver pessoas que não gostam de mim.					

E - Estão listadas em baixo 26 afirmações sobre a família. Leia cada afirmação e indique até que ponto é verdadeira para a sua família.

Em que medida é cada uma das seguintes afirmações como a sua família:	Nada como a minha família	Um pouco como a minha família	Às vezes como a minha família	Geralmente como a minha família	Quase sempre como a minha família
e1. Vale a pena fazer sacrifícios pessoais se beneficiar a nossa família.					
e2. Geralmente concordamos sobre como os membros da família se devem comportar.					
Em que medida é cada uma das seguintes afirmações como a sua família:	Nada como a minha família	Um pouco como a minha família	Às vezes como a minha família	Geralmente como a minha família	Quase sempre como a minha família
e4. Orgulhamo-nos mesmo do mais pequeno êxito dos membros da família.					
e5. Somos capazes de partilhar as nossas preocupações e sentimentos de maneira produtiva.					
e6. Não importa o quanto difícil as coisas fiquem, a nossa família mantém-se unida.					

e7. Geralmente pedimos ajuda a pessoas fora da família quando não conseguimos resolvê-las nós mesmos.					
e8. Concordamos sobre as coisas que são importantes para a nossa família.					
e9. Na nossa família estamos sempre dispostos a contribuir e ajudar-nos uns aos outros.					
e10. Se algo fora do nosso controlo perturba a nossa família constantemente, encontramos coisas para fazer que nos abstraiam das preocupações.					
e11. Não importa o que acontece na nossa família, tentamos ver o lado positivo.					
e12. Mesmo com horários complicados, encontramos tempo para estar juntos.					
e13. Na nossa família todos entendem as regras sobre formas aceitáveis de agir.					
e14. Amigos e parentes estão sempre dispostos a ajudar, sempre que temos um problema ou crise.					
e15. Quando temos um problema ou preocupação, somos capazes de tomar decisões sobre o que fazer.					
e16. Apreciamos o tempo que passamos juntos, mesmo que seja apenas a fazer tarefas domésticas.					
e17. Se temos um problema ou preocupação que parece exacerbante, tentamos esquecê-lo durante algum tempo.					
e18. Sempre que existem desentendimentos, os membros da família ouvem os diferentes lados da história.					
e19. Na nossa família, arranjamos tempo para fazer coisas que todos concordamos serem importantes.					
e20. Na nossa família podemos depender do apoio uns dos outros sempre que algo corre mal.					
e21. Geralmente falamos sobre as diferentes formas com que lidamos com os problemas ou preocupações.					
Em que medida é cada uma das seguintes afirmações como a sua família:	Nada como a minha família	Um pouco como a minha família	Às vezes como a minha família	Geralmente como a minha família	Quase sempre como a minha família
e23. Decisões sobre mudanças ou toca de emprego têm por base o que é melhor para todos os membros da família.					

e24. Dependemos uns dos outros para nos ajudarmos quando surge algo inesperado.					
e25. Na nossa família, tentamos não tomar uns aos outros como garantidos.					
e26. Tentamos resolver os nossos problemas primeiro antes de pedir ajuda a outras pessoas.					

Escreva por favor todas as coisas que considera ser os principais pontos fortes da sua família. Não descure as pequenas coisas que ocorrem no dia-a-dia e que, frequentemente tomamos como garantido (ex: partilhar a responsabilidade de alimentar a(s) sua(s) criança(s) e leva-la(s) à escola.

F - Pense nas suas relações com os outros (Assinale 1 resposta para cada linha).

	Concordo totalmente	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo bastante	Discordo totalmente
f1. Os amigos não me procuram tantas vezes quantas eu gostava					
f2. Estou satisfeito(a) com a quantidade de amigos que tenho					
f3. Estou satisfeito(a) com a quantidade de tempo que passo com os meus amigos					
f4. Estou satisfeito(a) com as atividades e coisas que faço com o meu grupo de amigos					
f5. Estou satisfeito com o tipo de amigos que tenho					
f6. Por vezes sinto-me só no mundo e sem apoio					
f7. Quando preciso de desabafar com alguém encontro facilmente amigos com quem o fazer					
f8. Mesmo em situações mais embaraçosas, se precisar de apoio de emergência tenho várias pessoas a quem posso recorrer					
f9. Às vezes sinto falta de alguém verdadeiramente íntima que me compreenda e com quem possa desabafar sobre coisas íntimas					
f10. Estou satisfeito com a forma como me relaciono com a família					
f11. Estou satisfeito com a quantidade de tempo que passo com a minha família					
	Concordo totalmente	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo bastante	Discordo totalmente

f12. Estou satisfeito com o que faço em conjunto com a minha família					
f13. Não saio com amigos tantas vezes quantas eu gostaria					
f14. Sinto falta de atividades sociais que me satisfaçam					
f15. Gostava de participar mais em atividades de organizações (clubes desportivos/recreativos, partidos políticos)					

G – As seguintes questões são em relação ao(s) seu(s) filho(s), como é o/a seu/sua filho(a)? Como é que ele/ela se sente? É isso que queremos saber através de si.

Por favor responda às seguintes questões com todo o seu conhecimento, assegurando que as suas respostas refletem a perspetiva do/da seu/sua filho(a). Por favor tente recordar as experiências do/da seu/sua filho(a) na última semana.

1. Quem está a preencher o questionário ?

- Mãe
- Pai
- Madrasta/Companheira do Pai
- Padrasto/Companheiro da Mãe
- Outro, quem ? _____

FILHO 1

2. Que idade tem o(a) seu/sua filho(a)? _____

3. Este(a) seu/sua filho(a) é rapariga ou rapaz ?

- Rapariga
- Rapaz

4. O seu filho(a) tem alguma necessidade educativa especial ou doença que afete o seu dia-adia?

- Sim
- Não

Se sim Qual? _____

Pense na última semana...	Nada	Pouco	Moderada-mente	Muito	Totalmente
g1. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se bem e em forma?					
g2. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se cheio(a) de energia?					
g3. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se triste?					
g4. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se sozinho(a)?					
g5. O/A seu/sua filho(a) teve tempo suficiente para si próprio(a)?					
g6. O/A seu/sua filho(a) tem sido capaz de fazer atividades que quer fazer no tempo livre?					
g7. O/A seu/sua filho(a) sentiu que os pais o/a trataram com justiça?					
g8. O/A seu/sua filho(a) divertiu-se com outros rapazes e raparigas?					
g9. O/A seu/sua filho(a) foi bom/boa aluno(a) na escola?					

g10. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se capaz de prestar atenção?					
---	--	--	--	--	--

FILHO 2

2. Que idade tem o(a) seu/sua filho(a)? _____

3. Este(a) seu/sua filho(a) é rapariga ou rapaz ?

Rapariga Rapaz

4. O seu filho(a) tem alguma necessidade educativa especial ou doença que afete o seu dia-adia?

Sim Não

Se sim Qual? _____

Pense na última semana...	Nada	Pouco	Moderadamente	Muito	Totalmente
g1. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se bem e em forma?					
g2. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se cheio(a) de energia?					
g3. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se triste?					
g4. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se sozinho(a)?					
g5. O/A seu/sua filho(a) teve tempo suficiente para si próprio(a)?					
g6. O/A seu/sua filho(a) tem sido capaz de fazer atividades que quer fazer no tempo livre?					
g7. O/A seu/sua filho(a) sentiu que os pais o/a trataram com justiça?					
g8. O/A seu/sua filho(a) divertiu-se com outros rapazes e raparigas?					
g9. O/A seu/sua filho(a) foi bom/boa aluno(a) na escola?					
g10. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se capaz de prestar atenção?					

FILHO 3

2. Que idade tem o(a) seu/sua filho(a)? _____

3. Este(a) seu/sua filho(a) é rapariga ou rapaz ?

Rapariga Rapaz

4. O seu filho(a) tem alguma necessidade educativa especial ou doença que afete o seu dia-adia?

Sim Não

Se sim Qual? _____

Pense na última semana...	Nada	Pouco	Moderadamente	Muito	Totalmente
g1. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se bem e em forma?					
g2. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se cheio(a) de energia?					
g3. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se triste?					
g4. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se sozinho(a)?					
g5. O/A seu/sua filho(a) teve tempo suficiente para si próprio(a)?					
g6. O/A seu/sua filho(a) tem sido capaz de fazer atividades que quer fazer no tempo livre?					
g7. O/A seu/sua filho(a) sentiu que os pais o/a trataram com justiça?					
g8. O/A seu/sua filho(a) divertiu-se com outros rapazes e raparigas?					
g9. O/A seu/sua filho(a) foi bom/boa aluno(a) na escola?					

g10. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se capaz de prestar atenção?					
---	--	--	--	--	--

Muito obrigada pela sua colaboração, pode contactar através do gapmarcacao@lis.ulusiada.pt

Anexo III

Questionário aplicado à população infantil - Kidscreen (Gaspar & Matos, 2008; Matos, et al, 2006; Ravens-Sieberer et al & European KIDSCREEN Group, 2001; The KIDSCREEN Group Europe, 2006)

Olá,

Como estás? É isso que queremos que tu nos contes.

Por favor lê todas as questões cuidadosamente. Escolhe e assinala a resposta mais adequada ao teu caso. Lembra-te: isto não é um teste, não existem respostas erradas. É importante que respondas a todas as questões e para nós conseguir perceber as tuas respostas claramente. Quando pensas na tua resposta, por favor, tenta pensar na tua última semana. Não tens que mostrar as tuas respostas a ninguém. E ninguém teu conhecido vai ver o teu questionário depois de o teres terminado.

És rapaz ou rapariga?

z	Rapa	<input type="checkbox"/>
riga	Rapa	<input type="checkbox"/>

Que idade tens? _____

Tens alguma Necessidade Educativa Especial, deficiência, doença ou condição crónica que dificulte o teu dia-a-dia?

Não	<input type="checkbox"/>
Sim	<input type="checkbox"/>

Em caso afirmativo, qual/quais?

1. Saúde e atividade física

	Excelente	Muito boa	Boa	Má	Muito má
1. Em geral, como descreves a tua saúde?					
Pensa na última semana...	Nada	Pouco	Moderada-mente	Muito	Totalmente
2. Sentiste-te bem e em forma?					
3. Estiveste fisicamente ativo (ex. correste, fizeste escalada, andaste de bicicleta)?					

4. Foste capaz de correr bem?					
-------------------------------	--	--	--	--	--

Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
5. Sentiste-te cheio de energia?					

2. Sentimentos

Pensa na última semana...	Nada	Pouco	Moderadamente	Muito	Totalmente
1. A tua vida tem sido agradável?					
2. Sentiste-te bem por estar vivo(a)?					
3. Sentiste-te satisfeito(a) com a tua vida?					
Pensa na última semana...	Nunca	raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
4. Estiveste de bom humor?					
5. Sentiste-te alegre?					
6. Divertiste-te?					

3. Estado de humor geral

Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. Sentiste que fizeste tudo mal?					
2. Sentiste-te triste?					
3. Sentiste-te tão mal que não quiseste fazer nada?					
4. Sentiste que tudo na vida estava a correr mal?					
5. Sentiste-te farto(s)?					
6. Sentiste-te sozinho(a)?					
7. Sentiste-te debaixo de pressão ("stressado/a")?					

4. Sobre ti próprio

Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. Sentiste-te feliz com a tua maneira de ser?					
2. Sentiste-te contente com as tuas roupas?					
3. Sentiste-te preocupado(a) com a tua aparência?					
4. Sentiste inveja da aparência de outros rapazes e raparigas?					
5. Gostarias de mudar alguma coisa no teu corpo?					

5. Tempo livre

Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. Tiveste tempo suficiente para ti próprio(a)?					

2. Foste capaz de fazer atividades que gostas de fazer no teu tempo livre?					
3. Tiveste oportunidades suficientes para estar ao ar livre?					
4. Tiveste tempo suficiente para te encontrares com os teus amigos(as)?					
5. Foste capaz de escolher o que fazer no teu tempo livre?					

6. Família, ambiente familiar e vizinhança

Pensa na última semana...	Nunca	raramente	Algumas vezes	Frequente mente	Sempre
1. Os teus pais compreendem-te?					
2. Sentiste-te amado(a) pelos teus pais?					
3. Sentiste-te feliz em casa?					
4. Os teus pais tiveram tempo suficiente para ti?					
5. Os teus pais trataram-te com justiça?					
6. Foste capaz de conversar com os teus pais quando quiseste?					

7. Questões económicas

Pensa na última semana...	Nunca	raramente	Algumas vezes	Frequente mente	Sempre
1. Tiveste dinheiro suficiente para fazer as mesmas atividades que os teus amigos(as)?					
2. Tiveste dinheiro suficiente para as tuas despesas?					
Pensa na última semana...	Nada	Pouco	Moderada-mente	Muito	Totalmente
3. Tiveste dinheiro suficiente para fazer atividades com os teus amigos(as)?					

8. Amigos (as)

Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. Passaste tempo com os teus amigos(as)?					
2. Fizeste atividades com outros rapazes e raparigas?					
3. Divertiste-te com os teus amigos(as)?					
4. Tu e os teus/tuas amigos(as) ajudaram-se uns aos outros?					
5. Sentiste-te capaz de falar sobre tudo com os teus/tuas amigos(as)?					

6. Sentiste que podes confiar nos(as) teus/tuas amigos(as)?					
---	--	--	--	--	--

9. Ambiente escolar e aprendizagem

Pensa na última semana...	Nada	Pouco	Moderadamente	Muito	Totalmente
1. Sentiste-te feliz na escola?					
2. Foste bom/boa aluno(a) na escola?					
3. Sentiste-te satisfeito(a) com os teus professores?					
Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
4. Sentiste-te capaz de prestar atenção?					
5. Gostaste de ir à escola?					
6. Tiveste uma boa relação com os teus professores?					

10. Provocação

Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. Tens sentido medo de outros rapazes ou raparigas?					
2. Outros rapazes ou raparigas gozaram contigo?					
3. Outros rapazes ou raparigas provocaram-te?					

Anexo IV

Outputs do SPSS

Tabela de Frequências

Este(a) seu/sua filho(a) é rapariga ou rapaz?

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Rapariga	158	53,4	53,4	53,4
	Rapaz	138	46,6	46,6	100,0
	Total	296	100,0	100,0	

O seu/sua filho(a) tem alguma necessidade educativa especial ou doença que afecta o seu dia-a-dia? - Filho 1

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Sim	17	5,7	5,8	5,8
	Não	275	92,9	94,2	100,0
	Total	292	98,6	100,0	
Omisso	Sistema	4	1,4		
Total		296	100,0		

Estatísticas Descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
idade DOS PAIS	295	24	58	42,70	5,371
Que idade tem o(a) seu/sua filho(a)?	294	6	16	11,78	2,857
N válido (listwise)	293				

Tabela de Frequências

Estado Civil

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	solteiro	18	6,1	6,1	6,1
	união facto	27	9,1	9,2	15,3
	casado	222	75,0	75,3	90,5
	separado	6	2,0	2,0	92,5
	divorciado	19	6,4	6,4	99,0
	viuvo	3	1,0	1,0	100,0
	Total	295	99,7	100,0	
Omisso	Sistema	1	,3		
Total		296	100,0		

Genero

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	feminino	205	69,3	69,3	69,3

masculino	91	30,7	30,7	100,0
Total	296	100,0	100,0	

Quantos filhos tem?

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	1,00	69	23,3	23,5	23,5
	2,00	173	58,4	59,0	82,6
	3,00	44	14,9	15,0	97,6
	4,00	5	1,7	1,7	99,3
	9,00	2	,7	,7	100,0
	Total	293	99,0	100,0	
Omisso	Sistema	3	1,0		
Total		296	100,0		

Nível de escolaridade

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	não completou o ensino básico	2	,7	,7	,7
	Ensino basico 1º ciclo	11	3,7	3,8	4,5
	Ensino basico 2º ciclo	29	9,8	10,1	14,6
	Ensino basico 3º ciclo	32	10,8	11,1	25,7
	Ensino secundario 10º ano	17	5,7	5,9	31,6
	Ensino secundario 11º ano	9	3,0	3,1	34,7
	Ensino secundario 12º ano	92	31,1	31,9	66,7
	Licenciatura	81	27,4	28,1	94,8
	Mestrado	11	3,7	3,8	98,6
	Doutoramento	4	1,4	1,4	100,0
	Total	288	97,3	100,0	
Omisso	Sistema	8	2,7		
Total		296	100,0		

Area de residência

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Aldeia	97	32,8	33,1	33,1
	Vila	103	34,8	35,2	68,3
	Cidade	93	31,4	31,7	100,0
	Total	293	99,0	100,0	
Omisso	Sistema	3	1,0		
Total		296	100,0		

com quem coabita - sozinho

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	sim	5	1,7	1,7	1,7
	não	291	98,3	98,3	100,0
	Total	296	100,0	100,0	

com quem coabita - conjugue

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	sim	7	2,4	2,4	2,4
	não	289	97,6	97,6	100,0
	Total	296	100,0	100,0	

com quem coabita - conjuge e filhos

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	sim	247	83,4	83,4	83,4
	não	49	16,6	16,6	100,0
	Total	296	100,0	100,0	

com quem coabita - filhos

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	sim	37	12,5	12,5	12,5
	não	259	87,5	87,5	100,0
	Total	296	100,0	100,0	

com quem coabita - outros parentes

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	sim	10	3,4	3,4	3,4
	não	286	96,6	96,6	100,0
	Total	296	100,0	100,0	

situação profissional

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	empregado por conta própria	52	17,6	17,7	17,7
	empregado por conta de outrem	218	73,6	74,4	92,2
	desempregado	18	6,1	6,1	98,3
	reformado	1	,3	,3	98,6
	outra	4	1,4	1,4	100,0
	Total	293	99,0	100,0	
Omisso	Sistema	3	1,0		
Total		296	100,0		

Escolaridade Filho 1

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	1º ciclo	76	25,7	26,6	26,6
	2º ciclo	70	23,6	24,5	51,0
	3º ciclo	107	36,1	37,4	88,5
	secundário	33	11,1	11,5	100,0
	Total	286	96,6	100,0	
Omisso	Sistema	10	3,4		
Total		296	100,0		

Tipo de ensino Filho 1

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Público	238	80,4	83,2	83,2
	Privado	33	11,1	11,5	94,8
	IPSS	15	5,1	5,2	100,0
	Total	286	96,6	100,0	
Omisso	Sistema	10	3,4		
Total		296	100,0		

Atividades extracurriculares - Filho 1

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Não	108	36,5	38,4	38,4
	Sim	173	58,4	61,6	100,0
	Total	281	94,9	100,0	
Omisso	Sistema	15	5,1		
Total		296	100,0		

Quantas atividades extracurriculares tem? - Filho 1

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	1	85	28,7	47,2	47,2
	2 a 3	86	29,1	47,8	95,0
	Mais de 4	9	3,0	5,0	100,0
	Total	180	60,8	100,0	
Omisso	Sistema	116	39,2		
Total		296	100,0		

Frequência das atividades extracurriculares - Filho1

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	0-1 p/semana	35	11,8	19,4	19,4
	2-3 p/semana	108	36,5	60,0	79,4
	4-6 p/semana	37	12,5	20,6	100,0
	Total	180	60,8	100,0	
Omisso	Sistema	116	39,2		
Total		296	100,0		

Pratica(m) modalidades desportivas regularmente?

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Não	53	17,9	19,1	19,1
	Sim	224	75,7	80,9	100,0
	Total	277	93,6	100,0	
Omisso	Sistema	19	6,4		
Total		296	100,0		

Número de vezes por semana - Filho 1

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	2 vezes	92	31,1	40,5	40,5

	1 vez	34	11,5	15,0	55,5
	+3 vezes	101	34,1	44,5	100,0
	Total	227	76,7	100,0	
Omisso	Sistema	69	23,3		
Total		296	100,0		

Desportista(s) federado(s)? - Filho1

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Não	168	56,8	66,9	66,9
	Sim	83	28,0	33,1	100,0
	Total	251	84,8	100,0	
Omisso	Sistema	45	15,2		
Total		296	100,0		

Estatísticas Descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
EMBU_SuporteEmocional1	276	1,36	4,00	3,2704	,41275
EMBU_Rejeição	269	1,06	2,47	1,5867	,25031
EMBU_TentativaControlo	271	1,55	3,73	2,5813	,37042
KIDS_10_FILHOS	286	1,90	5,00	4,0766	,55236
N válido (listwise)	243				

Escala: EMBU_SuporteEmocionalAlpha**Resumo de processamento de casos**

		N	%
Casos	Válido	276	93,2
	Excluídos ^a	20	6,8
	Total	296	100,0

a. Exclusão por método listwise com base em todas as variáveis do procedimento.

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,848	14

Estatísticas de item

	Média	Desvio Padrão	N
b1 demonstração ao seu filho. com palavras e gestos que gosta deles?	3,3587	,68620	276
b10. Quando as coisas correm mal ao(s) seu(s) filho(s), tenta compreendê-lo(s) e anima-lo(s)?	3,3152	,71243	276

b16. Ajuda o(s) seu(s) filho(s) quando ele(s) enfrenta(m) uma tarefa difícil?	3,3986	,73894	276
b20. Demonstra ao(s) seu(s) filho(s) que está satisfeito com ele(s)?	3,3370	,70753	276
b21. Confia no(s) seu(s) filho(s) de tal forma que o(s) deixa atuar sob a sua própria responsabilidade?	2,4964	,73112	276
b22. Respeita as opiniões do(s) seu(s) filho(s)?	2,9457	,72409	276
b27. Tenta que a infância do(s) seu(s) filho(s) seja estimulante e atrativa? (por exemplo: dando-lhe(s) bons livros, encorajando-o(s) a em passeios e excursões, etc.)	3,1196	,81141	276
b28. Elogia o comportamento do(s) seu(s) filho(s)?	3,1268	,77357	276
b30. Quando o(s) seu(s) filho(s) está triste, pode procurar a sua ajuda e compreensão?	3,6196	,70596	276
b32. Interessa-se pelo tipo de amigos mais próximos do(s) seu(s) filho(s)?	3,3116	,78440	276
b36. Participa ativamente nos passatempos e diversões do(s) seu(s) filho(s)?	2,6812	,79072	276
b40. Acha que há carinho e ternura entre si e o(s) seu(s) filho(s)?	3,6268	,61070	276
b41. Fica orgulhoso(a) do(s) seu(s) filho(s) quando ele(s) consegue(m) atingir objetivo a que se propõe(m)?	3,8696	,40589	276
b42. Manifesta ao(s) seu(s) filho(s) que está satisfeito com ele(s) através de expressões físicas carinhosas como dar-lhe(s) palmadas nas costas, abraçá-lo(s), etc.?	3,5797	,69084	276

Escala: EMBU_RejeiçãoAlpha**Resumo de processamento de casos**

		N	%
Casos	Válido	269	90,9
	Excluídos ^a	27	9,1
	Total	296	100,0

a. Exclusão por método listwise com base em todas as variáveis do procedimento.

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,705	17

Estatísticas de item

	Média	Desvio Padrão	N
b2. Castiga o(s) seu(s) filho(s) mesmo no caso de pequenas faltas?	1,7546	,57240	269
b4. Deseja que o(s) seu(s) filho(s) seja(m) diferente em algum aspecto?	1,8327	,77621	269
b5. Acha que é demasiado severo(a) com o(s) seu(s) filho(s)?	1,5316	,58902	269
b8. Bate ou repreende o(s) seu(s) filho(s) em frente de outras pessoas?	1,4015	,56198	269
b11. Impõe ao(s) seu(s) filho(s) mais castigos corporais do que ele(s) merece(m)?	1,0520	,23871	269
b12. Aborrece-se com o(s) seu(s) filho(s) porque ele(s) não o (a) ajuda(m) nas tarefas de casa como gostaria?	2,0149	,61067	269
b13. Quando acha que o(s) seu(s) filho(s) faz(em) algo mal, mostra-se de tal forma triste que o faz sentir-se culpado?	1,6543	,67704	269
b14. Conta a outras pessoas o que o(s) seu(s) filho(s) faz(em) ou diz(em), envergonhando-o(s) com isso?	1,2305	,47202	269
b17. Diz ao(s) seu(s) filho(s) frases como estas: " Com a tua idade não deverias comportar-te desta forma"?	2,0037	,67745	269
b18. Fica triste por culpa do(s) seu(s) filho(s)?	1,6877	,62225	269
b25. Acha que é "forreta" e "duro(a)" para com o(s) seu(s) filho(s)?	1,5242	,59567	269
b31. Diz ao(s) seu(s) filho(s) que não está acordo com a forma de ele(s) se comportar(am) em casa?	2,1747	,76487	269
b33. É brusco e pouco amável com o(s) seu(s) filho(s)?	1,2900	,50143	269
b34. Castiga o(s) seu(s) filho(s) com dureza, inclusive por coisas que não têm importância?	1,1227	,40955	269
b35. Acha que o(s) seu(s) filho(s) deseja(m) que se preocupe menos com as atividades dele(s)?	1,5428	,67126	269
b37. Bate ao(s) seu(s) filho(s)?	1,3420	,47527	269

b38. Coloca limitações estritas ao que o(s) seu(s) filho(s) pode(m) ou não fazer, obrigando-o(s) a respeitá-las rigorosamente?	1,8141	,71421	269
--	--------	--------	-----

Escala: EMBU_TentativaControloAlpha**Resumo de processamento de casos**

		N	%
Casos	Válido	271	91,6
	Excluídos ^a	25	8,4
	Total	296	100,0

a. Exclusão por método listwise com base em todas as variáveis do procedimento.

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,632	11

Estatísticas de item

	Média	Desvio Padrão	N
b3. Tenta influenciar o(s) seu(s) filho(s) para que ele(s) venha(m) a ser pessoa(s) bem colocada(s) na vida?	3,1144	,89743	271
b6. Decide como o seu(s) filho(s) deve(m) vestir-se/aspecto deve(m) ter?	2,0517	,86341	271
b7. Proíbe o(s) seu(s) filho(s) de fazer coisas que outras crianças da idade dele(s) fazem por medo que lhe(s) aconteça algo de mal?	1,7749	,65339	271
b9. Preocupa-se em saber o que faz o(s) seu(s) filho(s) na sua ausência?	3,3358	,73142	271
b15. Mostra interesse em que o(s) seu(s) filho(s) tire(m) boas notas?	3,6089	,61626	271
b19. Tenta estimular o(s) seu(s) filho(s) para que ele seja o melhor?	2,8413	1,09236	271
b23. Se o(s) seu(s) filho(s) tem pequenos segredos, pede insistentemente que lhe(s) conte?	1,6753	,75382	271
b24. Quer estar ao lado do(s) seu(s) filho(s)?	3,7232	,55858	271
b26. Quando regressa a casa, o(s) seu(s) filho(s) tem que dar-lhe explicações sobre o que fez(em)?	2,0959	,73410	271

b29. Diz ao(s) seu(s) filho(s) frases como estas: " É assim que nos agradeces todo o esforço que temos feito por ti e todos os sacrificios que temos feito para o teu bem"?	1,7269	,72977	271
b39. Tem um medo exagerado que aconteça alguma coisa ao(s) seu(s) filho(s)?	2,4465	1,01283	271

Escala: kids10_filho1**Resumo de processamento de casos**

		N	%
Casos	Válido	286	96,6
	Excluídos ^a	10	3,4
	Total	296	100,0

a. Exclusão por método listwise com base em todas as variáveis do procedimento.

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,812	10

Estatísticas de item

	Média	Desvio Padrão	N
2- Have you felt fit and well?	3,8881	,88341	286
5- Have you felt full of energy?	3,9965	,86043	286
24- Have you had enough time for yourself?	3,9126	1,02395	286
26- Have you had enough opportunity to be outside?	3,8951	1,10001	286
33- Have your parent(s) treated you fairly?	4,2657	,91729	286
40- Have you had fun with your friends?	4,4091	,82746	286
45- Have you got on well at school?	3,8252	,86503	286
47- Have you been able to pay attention?	3,9441	,83583	286
KY52EMO2_rec	4,0944	,86744	286
KY52EMO6_rec	4,5350	,83593	286

ANOVA GENERO DOS PAIS**Descritivas**

	N	Média	Desvio Padrão						
EMBU_Suport feminino e Emocional	192	3,3393	,36016						

	masculino	84	3,113 1	,47950						
	Total	276	3,270 4	,41275						
	Mode Efeitos lo fixos			,40009						
	Efeitos aleatórios									
EMBU_Rejeiã o	feminino	187	1,590 1	,24199						
	masculino	82	1,578 9	,26972						
	Total	269	1,586 7	,25031						
	Mode Efeitos lo fixos			,25073						
	Efeitos aleatórios									
EMBU_Tentati vaControlo	feminino	185	2,605 9	,36371						
	masculino	86	2,528 5	,38126						
	Total	271	2,581 3	,37042						
	Mode Efeitos lo fixos			,36935						
	Efeitos aleatórios									

ANOVA

		Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F
EMBU_SuporteEmocional	Entre Grupos	2,990	1	2,990	18,677
	Nos grupos	43,859	274	,160	
	Total	46,849	275		
EMBU_Rejeição	Entre Grupos	,007	1	,007	,114
	Nos grupos	16,785	267	,063	
	Total	16,792	268		
EMBU_TentativaControlo	Entre Grupos	,351	1	,351	2,575
	Nos grupos	36,696	269	,136	
	Total	37,048	270		

ANOVA

		Sig.
EMBU_SuporteEmocional	Entre Grupos	,000
	Nos grupos	
	Total	
EMBU_Rejeição	Entre Grupos	,736
	Nos grupos	
	Total	
EMBU_TentativaControlo	Entre Grupos	,110
	Nos grupos	
	Total	

ANOVA IDADE DOS PAIS

Descritivas

	N	Média	Desvio Padrão						
EMBU_SuporteEmocional	até 35 anos	22	3,3571	,47636					
	36-45 anos	176	3,3024	,39543					
	46 ou mais anos	78	3,1740	,42102					
	Total	276	3,2704	,41275					
	Mode Efeitos lo fixos Efeitos aleatórios			,40950					
EMBU_Rejeição	até 35 anos	22	1,5428	,19630					
	36-45 anos	172	1,5869	,25557					
	46 ou mais anos	75	1,5992	,25360					
	Total	269	1,5867	,25031					
	Mode Efeitos lo fixos Efeitos aleatórios			,25084					
EMBU_TentativaControlo	até 35 anos	21	2,5801	,21412					
	36-45 anos	172	2,6226	,38632					
	46 ou mais anos	77	2,4864	,35479					
	Total	270	2,5805	,37083					
	Mode Efeitos lo fixos Efeitos aleatórios			,36722					

ANOVA

	Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	
EMBU_SuporteEmocional	Entre Grupos	1,070	2	,535	3,191
	Nos grupos	45,779	273	,168	
	Total	46,849	275		
EMBU_Rejeição	Entre Grupos	,054	2	,027	,431
	Nos grupos	16,738	266	,063	
	Total	16,792	268		
EMBU_TentativaControlo	Entre Grupos	,987	2	,493	3,658
	Nos grupos	36,005	267	,135	
	Total	36,991	269		

ANOVA

	Sig.
EMBU_SuporteEmocional	
Entre Grupos	
Nos grupos	,043

	Total	
EMBU_Rejeição	Entre Grupos	,651
	Nos grupos	
	Total	
EMBU_TentativaControlo	Entre Grupos	,027
	Nos grupos	
	Total	

ANOVA IDADE DOS FILHOS**Descritivas**

KIDS_10_FILHOS

	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média				
					Limite inferior				
6-9 anos	53	4,4264	,53893	,07403	4,2779				
10 aos 12 anos	65	4,2354	,41134	,05102	4,1335				
13 anos ou mais	163	3,8951	,53447	,04186	3,8124				
Total	281	4,0740	,55324	,03300	4,0091				
Modelo	Efeitos fixos		,50965	,03040	4,0142				
	Efeitos aleatórios			,18742	3,2676				

Descritivas

KIDS_10_FILHOS

	Intervalo de confiança de 95% para média			Variância entre componentes
	Limite superior	Mínimo	Máximo	
6-9 anos	4,5750	2,60	5,00	
10 aos 12 anos	4,3373	3,10	4,90	
13 anos ou mais	3,9778	1,90	5,00	
Total	4,1390	1,90	5,00	
Modelo	Efeitos fixos	4,1339		
	Efeitos aleatórios	4,8804		,08037

ANOVA

KIDS_10_FILHOS

	Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	Sig.
Entre Grupos	13,493	2	6,746	25,973	,000
Nos grupos	72,208	278	,260		
Total	85,700	280			

ANOVA GENERO DOS FILHOS**Descritivas**

KIDS_10_FILHOS

	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média				

					Limite inferior				
rapariga	155	4,0271	,57562	,04623	3,9358				
rapaz	131	4,1351	,51960	,04540	4,0453				
Total	286	4,0766	,55236	,03266	4,0123				
Modelo Efeitos fixos			,55069	,03256	4,0125				
o Efeitos aleatórios				,05406	3,3897				

Descritivas

ANOVA

KIDS_10_FILHOS

	Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	Sig.
Entre Grupos	,828	1	,828	2,732	,099
Nos grupos	86,125	284	,303		
Total	86,953	285			

CORRELAÇÕES

Estatística Descritiva

	Média	Desvio Padrão	N
KIDS_10_FILHOS	4,0766	,55236	286
EMBU_SuporteEmocional	3,2704	,41275	276
EMBU_Rejeição	1,5867	,25031	269
EMBU_TentativaControlo	2,5813	,37042	271

Correlações

		KIDS_10_FILHOS	EMBU_SuporteEmocional		
KIDS_10_FILHOS	Correlação de Pearson	1	,289**		
	Sig. (bilateral)		,000		
	Soma dos quadrados e produtos cruzados	86,953	17,282		
	Covariância	,305	,065		
	N	286	266		
EMBU_SuporteEmocional	Correlação de Pearson	,289**	1		
	Sig. (bilateral)	,000			
	Soma dos quadrados e produtos cruzados	17,282	46,849		
	Covariância	,065	,170		
	N	266	276		
EMBU_Rejeição	Correlação de Pearson	-,075	-,168**		
	Sig. (bilateral)	,226	,007		
	Soma dos quadrados e produtos cruzados	-2,695	-4,266		
	Covariância	-,010	-,016		
	N	260	260		
EMBU_TentativaControlo	Correlação de Pearson	,085	,271**		
	Sig. (bilateral)	,170	,000		

Soma dos quadrados e produtos cruzados	4,499	10,910		
Covariância	,017	,042		
N	262	261		

Correlações

		EMBU_Rejeição	EMBU_TentativaControlo
KIDS_10_FILHOS	Correlação de Pearson	-,075	,085
	Sig. (bilateral)	,226	,170
	Soma dos quadrados e produtos cruzados	-2,695	4,499
	Covariância	-,010	,017
	N	260	262
EMBU_SuporteEmocional	Correlação de Pearson	-,168**	,271**
	Sig. (bilateral)	,007	,000
	Soma dos quadrados e produtos cruzados	-4,266	10,910
	Covariância	-,016	,042
	N	260	261
EMBU_Rejeição	Correlação de Pearson	1	,300**
	Sig. (bilateral)		,000
	Soma dos quadrados e produtos cruzados	16,792	7,093
	Covariância	,063	,028
	N	269	257
EMBU_TentativaControlo	Correlação de Pearson	,300**	1
	Sig. (bilateral)	,000	
	Soma dos quadrados e produtos cruzados	7,093	37,048
	Covariância	,028	,137
	N	257	271

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

REGRESSÃO
Sumarização do modelo

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R quadrado	Mudança F			
1	,395 ^a	,156	,149	,51754	,156	21,794			
2	,406 ^b	,165	,151	,51690	,009	1,293			
3	,468 ^c	,219	,195	,50326	,054	5,285			

Sumarização do modelo

Modelo	Estatísticas de mudança		
	gl1	gl2	Sig. Mudança F
1	2	236	,000
2	2	234	,276
3	3	231	,002

a. Preditores: (Constante), Que idade tens?, GENERO_FILHO_INVERTIDO

b. Preditores: (Constante), Que idade tens?, GENERO_FILHO_INVERTIDO, Genero, Idade

c. Preditores: (Constante), Que idade tens?, GENERO_FILHO_INVERTIDO, Genero, Idade, EMBU_Rejeição, EMBU_SuporteEmocional, EMBU_TentativaControlo

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	Sig.
1	Regressão	11,675	2	5,838	21,794	,000 ^b
	Resíduo	63,212	236	,268		
	Total	74,887	238			
2	Regressão	12,366	4	3,092	11,571	,000 ^c
	Resíduo	62,521	234	,267		
	Total	74,887	238			
3	Regressão	16,382	7	2,340	9,240	,000 ^d
	Resíduo	58,506	231	,253		
	Total	74,887	238			

a. Variável Dependente: KIDS_10_FILHOS

b. Preditores: (Constante), Que idade tens?, GENERO_FILHO_INVERTIDO

c. Preditores: (Constante), Que idade tens?, GENERO_FILHO_INVERTIDO, Genero, Idade

d. Preditores: (Constante), Que idade tens?, GENERO_FILHO_INVERTIDO, Genero, Idade, EMBU_Rejeição, EMBU_SuporteEmocional, EMBU_TentativaControlo

Coeficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.
		B	Erro Padrão	Beta		
1	(Constante)	5,007	,194		25,826	
	GENERO_FILHO_INVERTIDO	,027	,068	,024	,399	
	Que idade tens?	-,079	,012	-,391	-6,460	
2	(Constante)	5,369	,304		17,660	
	GENERO_FILHO_INVERTIDO	,022	,068	,020	,331	
	Que idade tens?	-,073	,014	-,359	-5,251	
	Genero	-,063	,074	-,052	-,853	
3	Idade	-,008	,007	-,080	-1,165	
	(Constante)	4,051	,537		7,540	
	GENERO_FILHO_INVERTIDO	,004	,066	,004	,066	
	Que idade tens?	-,063	,014	-,309	-4,524	
	Genero	,001	,074	,001	,013	
	Idade	-,006	,007	-,063	-,929	
	EMBU_SuporteEmocional	,349	,095	,238	3,655	
EMBU_Rejeição	-,066	,143	-,030	-,462		
EMBU_TentativaControlo	,009	,099	,006	,094		
Modelo						Sig.
1	(Constante)					,000
	GENERO_FILHO_INVERTIDO					,690
	Que idade tens?					,000
2	(Constante)					,000
	GENERO_FILHO_INVERTIDO					,741
	Que idade tens?					,000
	Genero					,395
3	Idade					,245
	(Constante)					,000
	GENERO_FILHO_INVERTIDO					,947
	Que idade tens?					,000
	Genero					,990
Idade					,354	

EMBU_SuporteEmocional	,000
EMBU_Rejeição	,644
EMBU_TentativaControlo	,925

a. Variável Dependente: KIDS_10_FILHOS

